



UNILASALLE



CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE

FERNANDO SCHELL PEREIRA

**ESPECISMO:
O HOLOCAUSTO ANIMAL**

CANOAS, 2011

FERNANDO SCHELL PEREIRA

**ESPECISMO:
O HOLOCAUSTO ANIMAL**

Trabalho de conclusão apresentado para a banca examinadora do curso Superior de Filosofia, do Centro Universitário La Salle - Unilasalle, como exigência parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientação: Prof. Me. Gilmar Zampieri

CANOAS, 2011.

FERNANDO SCHELL PEREIRA

**ESPECISMO:
O HOLOCAUSTO ANIMAL**

Trabalho de Conclusão aprovado como
requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciatura em Filosofia pelo Centro
Universitário La Salle – Unilasalle.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Me. Gilmar Zampieri
Unilasalle

Prof. Me.
Unilasalle

Prof. Me.
Unilasalle

Dezembro de 2011

Por mais que Herman tivesse testemunhado o abate de animais e peixes, ele sempre tinha o mesmo pensamento: no seu comportamento em relação aos animais, todos os homens são nazistas. A presunção com a qual o homem pode fazer o que quiser com outras espécies exemplifica as teorias racistas mais extremas, a lei do mais forte. (Isaac Bashevis Singer).

RESUMO

O presente trabalho visa ser uma analogia entre o comportamento nazista com suas vítimas e a maneira como a humanidade trata suas vítimas não humanas, ou seja, os animais. Pretende ainda abordar os mais sutis aspectos morais do qual tanto vítimas humanas como não humanas foram e são julgadas aos olhos da raça superior pretensiosamente postulada como animais racionais. Para isto, o conceito *banalidade do mal* de Hannah Arendt serve como ponte de acesso e identificação tanto do fenômeno do nazismo quanto do holocausto animal.

Palavras chave: Animais não humanos, nazismo, banalidade do mal, holocausto. Abolicionismo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 O HOLOCAUSTO NAZISTA HUMANO	8
2.1 A retirada dos direitos como “coisificação” humana	8
2.2 O confinamento de humanos	10
<i>2.2.1 Trabalhos forçados</i>	10
<i>2.2.2 Experiências</i>	12
<i>2.2.3 Assassinato em massa</i>	14
2.3 Propaganda totalitária fascista	16
2.4 O caso Eichmann como personificação de uma ideia	20
2.5 O nazismo é um racismo?	23
2.6 O mal se configura no especismo	25
3 O HOLOCAUSTO DOS NÃO HUMANOS	27
3.1 Propaganda totalitária especista	27
3.2 Confinamento e Manejo	29
3.3 Alimentação	32
3.4 Vestimenta	35
3.5 Experiências científicas	36
3.6 Divertimento	38
3.7 Domesticados	42
4 O ABOLICIONISMO DOS NÃO HUMANOS	46
4.1 O especismo é um nazismo	46
4.2 Sujeitos-de-uma-vida	48
4.3 Os direitos animais	49
4.5 Você é um nazista?	52
5 CONCLUSÃO	54
REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

O tema escolhido no presente trabalho é fruto de uma extensa jornada pessoal, travada pela inquietude da constatação do comportamento humano em relação aos animais não humanos.

É visto que os ambientes acadêmicos de filosofia se encontram em amplas vertentes antropocêntricas, diferentemente da problemática abolicionista em questão. A motivação para este trabalho se fez pertinente, guiada pela prática dentro dos movimentos de libertação dos animais. Neste trabalho podemos visualizar através de sua amplitude, aquilo que já era notório nos manifestos pelos direitos animais: as semelhanças entre os sistemas de opressão em que o animal humano submete suas vítimas, sendo elas pertencentes a sua espécie ou não.

Pretende-se trazer à tona nesse trabalho a problemática condição em que estão inseridos os animais não humanos na cultura antropocêntrica especista. Mas para isso será útil agregar semelhanças de comportamento da qual o regime totalitarista nazista fez jus na história da humanidade. Através dos métodos utilizados para se apoderar de suas vítimas humanas procedendo a retirada dos direitos básicos e com isto os transformando de sujeitos à objetos de domínio da ideologia da raça pura.

Num segundo momento, abordaremos o chamado holocausto dos não humanos, que visará descrever alguns métodos comportamentais e de escravismo do qual os animais humanos submetem os animais não humanos na mais ferrenha atribuição de objetos de propriedade, tornando suas vidas como meios para os fins humanos.

Por último, apresentaremos a abordagem abolicionista dos animais não humanos como analogia precisa sobre as condições de que tanto as vítimas humanas e não humanas tem suas características vitais idênticas quando lhes retirado seus direitos básicos de existência, o da liberdade sob as mãos da tirania. Trazendo o enfoque para cada um de nós humanos o questionamento moral, se realmente estamos distantes do comportamento nazista quando infligimos sofrimento a esses indivíduos que julgamos serem inferiores a nós.

2 O HOLOCAUSTO NAZISTA HUMANO

2.1 A retirada dos direitos como “coisificação” humana

Procura-se, a seguir, indicar o verdadeiro trunfo do início da realização da vontade nazista, segundo a qual não poderia ter se feito melhor transitar, do que na obtenção dos aspectos básicos, no controle de ir e vir dos homens que julgavam serem os invasores do Estado puro, como acreditavam e, sobretudo, o senso comum dos alemães.

Segundo essa linha de raciocínio, “O primeiro passo essencial no caminho desse domínio total é a destruição da pessoa jurídica do homem.” (SOUKI, 1998, p.12).

Como se percebe, os direitos do homem são de total importância para sua garantia de não ser “apossado” por outrem, ou no caso do presente trabalho, da vontade de um Estado totalitário. As implicações que se tem em jogo quando esses direitos não são reconhecidos ou agregados à condição de cada um de nós acaba por tornar os indivíduos vulneráveis quando não assistidos por suas nações ou sob regime de outros Estados. “O objetivo dessa destruição é a transformação da pessoa humana em coisa.” (SOUKI, 1998, p.12).

Com base nesses elementos norteadores do sujeito humano, do sujeito de direito, parece-nos que não havendo uma lei que nos assista, estamos à mercê como “objetos” no âmbito político das relações humanas. E tal problemática se coloca em posição quando ideologias “vazias” se aliam a historicidade e esta passa a ser absorvida pelas massas incorporadas pelo sistema. “O assalto permanente contra a identidade jurídica do indivíduo e o controle absoluto do cidadão é uma política consciente e essencial do governo totalitário.” (SOUKI, 1998, p.66).

Analisando sobre essa ótica, podemos agora passar a entender o sujeito humano em sua plenitude de espontaneidades. E quando se perde a noção de direitos do sujeito humano a experiência de agressão aos direitos aparece como sendo uma irrealdade, por tamanho estranhamento do indivíduo situacional, como seguem os relatos dos guetos nazistas, onde o espírito do homem dava lugar ao

absurdo sistematicamente colocado à técnica, sob o domínio nos campos de concentração¹.

Como podemos ver, instaura-se o desespero nos homens em não deixar que sua personalidade fosse também perdida. “Morta a pessoa moral, a única coisa que ainda impede que os homens se transformem em mortos vivos é a diferença individual, a identidade única do indivíduo.” (ARENDDT, 1989, p.504). Nada mais condizente do que a “pessoa moral” na abrangência daquilo que chamamos de “seres humanos”, capazes de sentir sua diferença das demais espécies não humanas. E através de tal diferenciação, os agentes da SS foram sagazes em destruir, a condição humana, sob o domínio da técnica, antes mesmo da chegada aos campos de destino. É o que podemos ver nos relatos de como se davam o transporte dos prisioneiros, segundo Hannah Arendt:

Começam com as monstruosas condições dos transportes a caminho do campo, onde centenas de seres humanos amontoados num vagão de gado, completamente nus, colocados uns aos outros, e são transportados de uma estação a outra, de desvio a desvio, dia após dia;... (ARENDDT, 1989, p.504).

Também é procedente enfatizar que, os campos de concentração não eram apenas restritos a aniquilação do caráter humano dos prisioneiros, mas também como escola de aperfeiçoamento de soldados da SS. Onde estes eram sistematicamente “dessensibilizados”, com intuito de serem os perfeitos soldados do regime nazista². Dessa maneira, a superfluidade da condição humana era peça fundamental na (des)construção dos indivíduos, passando a simples marionetes de um sistema ideológico onde tudo e todos podem ser destruídos³.

¹“Era como se eu estivesse convencido de que, de certa forma, aquelas coisas horríveis e degradantes não estavam acontecendo a ‘mim’ como sujeito, mas a ‘mim’ como objeto. (...) Isto não pode ser verdadeiro, essas coisas simplesmente não acontecem’. (...) Os prisioneiros tinham de convencer a si mesmos que aquilo era real, que estava realmente acontecendo e que não era apenas um pesadelo. Nunca o conseguiam completamente.” (BETTELHEIM, Apud ARENDT, 1989, p. 489).

²“Os campos já não eram parques de diversão de animais sob forma humana, isto é, de homens que realmente deveriam estar no hospício ou na prisão; agora eram “campos de treinamento”, onde homens perfeitamente normais eram treinados para tornarem-se perfeitos membros da SS.” (KOGON, apud, ARENDT, 1989, p.505).

³“Os campos de concentração constituem os laboratórios onde mudanças na natureza humana são testadas, e, portanto, a infâmia não atinge apenas os presos e aqueles que os administram segundo critérios estritamente “científicos”; atinge a todos os homens.” (ARENDDT, 1989, p. 510).

2.2 O confinamento de humanos

A partir da ideia de que foram retirados os direitos dos prisioneiros do regime nazista, a seguinte abordagem pretende assinalar os relatos dos acontecimentos em confinamento. Onde a não consideração dos indivíduos como portadores de sentimentos, medo, angústia, e dor se fazia presente a todo instante.

Não se coloca em dúvida a perversidade latente do nazismo em relação aos seus alvos de perseguição. E os alvos não eram somente os Judeus. E todos eram enviados para os campos de concentração, depois de destituídos dos direitos elementares e inferiorizados moralmente era a hora de destituí-los de territorialidade e da condição de cidadãos dentro do Estado. O envio de prisioneiros para esses guetos era constituído de todos que fossem indesejados pelos nazistas como, homossexuais, judeus, comunistas, ciganos, criminosos, protestantes e católicos. (BUTLES, 2008, p.103).

Embora se tenha enfatizado, os campos não se limitavam a simples prisões. Tinham como lógica interna a total liberdade por parte dos nazistas para a utilização das vidas humanas em trabalhos forçados, experiências científicas, e extermínio em massa através de câmaras de gás.

2.2.1 *Trabalhos forçados*

Diante desse cenário de utilização total dos recursos vitais dos prisioneiros humanos é válido ressaltar o grau de exploração da qual foram vítimas, além do trabalho forçado que os esperava nos campos de concentração. A cuidadosa arquitetura da qual os nazistas implantaram para retirar até o ultimo suspiro de dignidade é quase imensurável.

E, nesse sentido, os corpos dos prisioneiros tinham significação econômica, pois até mesmo seus cabelos e dentes serviam de matéria-prima para indústria alemã.⁴ E segundo Ania Cavalcante “a pele humana tatuada também foi utilizada na

⁴ “Os cabelos cortados das vítimas eram enviados para a Alemanha para servirem de matéria-prima para a indústria de estofados e chinelos, as cinzas dos corpos cremados e os ossos moídos dos mortos enviados para a Alemanha e utilizados como fertilizantes os dentes de ouro arrancados eram fundidos, transformados em barras de ouro e depositados em bancos.” (CAVALCANTE, 2008).

fabricação de abajour”. Também foram usados na produção bélica, e também nas reconstruções de territórios atingidos pelas forças aliadas.

É deveras interessante também ressaltar que o trabalho escravo foi uma dos principais causadores de mortes dos campos de concentração.⁵ O que possibilitou o crescimento industrial de empresas sob cooperação da SS, ficando clara a ligação entre o trabalho escravo como fonte econômica alemã. E a maneira como boa parte dos trabalhadores era tratada, sobretudo os prisioneiros de guerra, alojados que eram em condições iguais ou piores que animais, ocupando lugares que anteriormente eram utilizados pelos cavalos do exército. (CAVALCANTE, 2008).

Nesse contexto se faz necessário lembrar o trabalho escravo das mulheres prisioneiras. Há relatos de que mesmo sendo “convidadas” pelos soldados da SS a servirem nos bordéis, eram também capturadas para se prostituírem, no intuito de agradar os bons prisioneiros, aqueles que segundo os agentes da SS seriam os “de melhor comportamento”. Com isso, sendo usada uma espécie de “psicologia” nos campos de concentração, para que os trabalhadores produzissem mais em troca de visitas aos bordéis. Em casos de gravidez, a mulher era substituída e enviada para um aborto, embora fossem raros, pois os médicos da SS já haviam se encarregado de esterilizá-las antes de entrarem nos campos.

Soma-se a isto, a total percepção de se estar vivendo outra vida. Bem como atenta Arendt:

Essa atmosfera de loucura e irrealidade, criada pela aparente ausência de propósitos, é a verdadeira cortina de ferro que esconde dos olhos do mundo todas as formas de campos de concentração (...) (ARENDR, 1989, p.496).

Nada mais condizente a exploração dos ciganos, onde os nazistas não queriam uma relação de extermínio, mas antes o uso de seus corpos para fins econômicos como nos diz Ania Cavalcante (2008):

O objetivo não era o extermínio total, mas a exploração como mão-de-obra com “a necessidade de tratá-los como rebanho” para se tornarem uma “massa amorfa” e “manipulável.

⁵ “Durante todo o período do Holocausto, o trabalho forçado - inserido na política do "extermínio pelo trabalho" - foi uma das principais causas de morte nos campos e guetos. Nenhuma consideração era dada à vida desses trabalhadores forçados, deliberadamente obrigados a trabalhar até morrer.” (CAVALCANTE, 2008).

Tal perspectiva é condizente com a visão utilitária e preconceituosa dos nazistas, em que consideravam os povos ciganos como “vagabundos” e “a- sociais”, colocando-os nos moldes de sua não consideração racial para que então, servisse de escravos da economia, tal como os demais prisioneiros.

2.2.2 Experiências

Como já foi mencionado, os prisioneiros do terceiro reich sofreram as mais diversas aniquilações morais, portanto, será abordado no presente item o desfecho de muitas vidas que os nazistas submeteram a experimentos científicos de maneira involuntária, ou seja, cobaias humanas.

Com base nestes princípios, é relevante dizer que o programa de eutanásia foi um dos primeiros passos na eliminação de vidas com o intuito da seleção racial do nazismo. Sob o conceito de “indignos de vida” (*unwerten Leben*), voltado para os deficientes físicos e mentais, eram meticulosamente eliminados em clínicas psiquiátricas.⁶ Mas em não muito tempo houve repressão da opinião pública e os experimentos foram “oficialmente” cessados, passando a serem secretamente continuados.

Segundo essa linha de raciocínio, o terceiro reich pode “coisificar” suas vítimas à medida que as mesmas fossem ou estivessem à mercê de direitos. Nesse sentido, afirma Hannah Arendt:

A destruição dos direitos de um homem, a morte de sua pessoa jurídica, é a condição primordial para que seja inteiramente dominado. E isso não se aplica apenas aquelas categorias especiais, como os criminosos, os oponentes políticos, os judeus, os homossexuais (com os quais se fizeram as primeiras experiências), mas a qualquer habitante do Estado totalitário. (ARENDR, 1989, p. 502).

Conforme defende a autora, primeiro é preciso a negação dos direitos do homem, para depois sob a forma de *necessidade* o Estado usurpar sua exploração justificada.

A utilização dos humanos para fins científicos, com métodos que ultrapassam as atrocidades medievais na mais absoluta comprovação de terror e dor, que

⁶ “Eram assassinados por meio do gás venenoso Zyklon B. aplicado nas clinicas, onde médicos e enfermeiros decidiam e aplicavam o processo. E depois de examinados os corpos, eram enviados para os familiares com atestados de óbito falseados para encobrir os crimes.” (CAVALCANTE, 2008).

médicos e cientistas, como burocratas⁷ da ideologia da raça superior, fizeram. Além disso os nazistas utilizavam-se das pessoas humanas para fins de especialização bélica, como no caso das experiências com gás. Os procedimentos visavam estabelecer os limites de altitude que os soldados poderiam atingir para saltar de para quedas em segurança. Assim como, experiências da primeira descrição, pode-se afirmar outras duas categorias de interferência médica em cobaias humanas, da qual se valia em testar medicamentos e procedimentos para tratamento de feridas dos soldados em campo. Bem como as famosas experiências com crianças gêmeas, do médico nazista Josef Mengele, que procurava o aperfeiçoamento das raças, segundo a ideologia nazista.

E, nesse sentido, é paradigmática a descrição de teste de descompressão feita por um prisioneiro austríaco, que trabalhava na sala de um dos doutores nazistas:

Vi pessoalmente, pela janela de observação da câmara de descompressão, quando o prisioneiro, lá dentro, suportou o vácuo até lhe rebentar os pulmões (...). Os prisioneiros como que ficavam loucos e arrancavam os cabelos no esforço para libertar-se da pressão. Esmurravam a cabeça e arranhavam o rosto, como que procurando mutilar-se em sua loucura. Esmurravam a parede e nela batiam com a cabeça e gritavam, no esforço para livrar-se da pressão nos ouvidos. Esses casos geralmente terminavam com a morte dos indivíduos. (SHIRER, 1964, p 495).

E as experiências não eram de forma alguma restrita aos Judeus:

Nos assassinatos, nesse setor, não foram os judeus as únicas vítimas. Os médicos nazistas serviam-se de prisioneiros de guerras russos, de poloneses internados nos campos de concentração, homens e mulheres, e até cidadãos alemães. (SHIRER, 1964, p.487).

Em função de tal postura, parece não ficar margem de dúvida sobre os limites do comportamento racial nazista em escolher suas vítimas por restrições da pureza ideológica. Como o autor afirma, “até cidadãos alemães” entravam na lista e nesse sentido podemos entender que mesmo os “não inferiores” seriam justificáveis na busca de um bem maior para fins científicos.

⁷ “Quanto á instituição burocrática, ela se caracteriza pelo culto da distancia e o gosto pelo secreto. Ela dá a seus agentes o sentimento de embriaguez de servir ás forças superiores e aos vastos desígnios nos quais eles não são eles mesmos, mas apenas instrumentos tão dóceis quanto irresponsáveis. Esta “política infantil” que acreditava no fardo do “homem branco” realizará a ideia de “massacres administrativos”.” (ENEGRÉN. Apud SOUKI, 1998, p.54).

Para consolidar o argumento Shirer segue com um breve exemplo de como os médicos nazistas tratavam as mulheres, colocando-as em estado moral análogo aos animais não humanos usados como de perfeita aceitação em experiências:

No campo de concentração para mulheres, em Ravensbruck, provocaram gangrena com gás em centenas de polonesas – chamavam-nas de “coelhinhos” – submetendo outras a “experiências” com enxerto de ossos. (SHIRER, 1964, p.487).

Da destituição de direitos para a instrumentalização e o assassinato em massa há uma linha de continuidade natural como veremos a seguir.

2.2.3 *Assassinato em massa*

Como já foi dito, as conseqüências da utilização de cobaias humanas para fins científicos acabaram levando à morte a grande maioria das vítimas em laboratório. Quanto a isto é relevante observar o sagaz pensamento do médico da SS Adolf Pokorny sobre o extermínio após seus experimentos, “o inimigo não só deve ser vencido como, também, eliminado.” (SHIRER, 1964, p.487). Partindo dessa máxima, cabe-nos agora adentrar nos aspectos técnicos do assassinato em massa, do qual os prisioneiros humanos foram colocados em câmaras de gás para serem mortos. Mas o extermínio por meio de gás não se devia apenas pela motivação final de dar fim a suas vidas, como também, de serem extraídas as peles e demais utilidades dos corpos humanos. O chocante relato pode ser descrito pelo próprio mandante dos fatos, o capitão Kramer:

Logo que se fechou a porta, elas começaram a gritar. Introduzi certa quantidade do sal através de um tubo (...) e observei por um vigia o que estava acontecendo na câmara. As mulheres respiravam durante cerca de meio minuto antes de caírem no chão. Depois que abri a chave para ventilação, abri a porta. Encontrei as mulheres estendidas no chão, sem vida e cobertas de excrementos. (SHIRER, 1964, p. 490).

Não há como negar a semelhança entre como se assassinaram humanos e a maneira como são os assassinatos de animais não humanos para os mais variados fins. Em relação a isso, podemos observar a técnica da qual se empregava na morte das vítimas, como podemos ver no depoimento em Nuremberg de um médico nazista Dr. Frank Blaha:

Não tínhamos, às vezes, número suficiente de corpos com boa pele; o Dr. Rascher, então, assegurava que os arranjará. No dia seguinte, recebíamos vinte ou trinta corpos de pessoas jovens. Matavam-nas com um tiro na nuca ou com uma pancada na cabeça, para não danificar a pele [...] A pele deveria ser de prisioneiros sadios e livres de defeitos.(SHIRER, 1964, p.493).

É de salientar que da mesma maneira em que se exterminou para fins da chamada “solução final”, os nazistas não deixaram em nenhum momento de explorar sob diversas maneiras também os corpos de suas vítimas. A descrição nos remete ao abate de animais não humanos para extração de peles. Indicando que as vítimas humanas também estão no mesmo âmbito de “matéria prima” para fins de seus carrascos. A transformação dos humanos em simples objetos, prontos para serem descartados, constitui-se numa premissa para todo sistema que parte da pretensa superioridade de um grupo sobre outro, raça sobre outra ou espécie sobre espécie etc.

Os campos de concentração não são apenas destinados ao extermínio de pessoas e à degradação de seres humanos: servem também à horrível experiência que consiste em eliminar, em condições cientificamente controladas, a própria espontaneidade enquanto expressão do comportamento humano, e em transformar a personalidade humana em simples coisa, em alguma coisa que nem mesmo os animais possuem. (ARENDE, Apud SOUKI, 1998, p.58).

Ao promover o terror, os nazistas eram especialistas em formar situações de pura angústia em seus prisioneiros. Após invadir a polônia, o exercito chamado de *tropa de choque*, dominavam os poloneses e os faziam cavar as próprias covas para depois serem assassinados com tiros na cabeça, e caírem nos buracos.

Com o objetivo de eliminar milhares de pessoas, foi preciso “aprimorar” a técnica de extermínio humano. Passando-se então, a construção das câmaras de gás para assassinar de maneira eficiente e “limpa” maior quantidades de seres humanos.

Após assistir um desses assassinatos em massa, Heirich Himmler, chefe da SS, decidiu que as armas eram um processo muito demorado e gastavam muita munição. Queria um método mais limpo e mais eficiente. Assim, seis campos de concentração foram ampliados e transformados em campos de morte, equipados com grandes câmaras de gás e enormes crematórios. O programa de eutanásia tinha fornecido aos nazistas tecnologia para criar fabricas de assassinato em massa. (BARTOLETII, 2006, p.94).

Como já foi dito, os nazistas tomavam o cuidado de eliminar, em primeiro momento, todas as pessoas que não lhes seriam úteis como força de trabalho escravo, levando assim, a seleção na chegada dos campos em grupos aptos ou não para os campos de trabalho. Os não aptos eram enviados para câmaras de gás.⁸

Deste modo, os nazistas foram aos extremos da técnica para identificar em todos os setores da sociedade qualquer sinal de “imperfeição eugênica” da ideologia do terceiro reich. Implementaram uma lei que fosse obrigatória a notificação de recém nascidos com deficiência física ou mental, para que os médicos nazistas pudessem colocá-los em programas de eutanásia. Eram enviados relatórios para médicos do reich, desse modo, sendo selecionados como “úteis” ou “comedores inúteis”, logo, sendo descartadas suas vidas.

Ao promover o extermínio em massa, os homens da SS não se portavam apenas como meros agentes da ideologia, mas também transformadores de suas próprias condições humanas, uma vez que, a dessensibilização se mostrava presente nas atitudes com os prisioneiros. E que através da violência, o extermínio não se dava só nos limites corporais, mas também da individualidade de cada homem após ser condicionado nos campos como um simples objeto, ou um animal não humano para manejo antes do abate.

2.3 Propaganda totalitária fascista

Como vimos, o assassinato em massa colocou o nazismo como um dos fatos históricos de maior intensidade sob o ponto de vista da crueldade imposta pela técnica. Humanos eram submetidos a condição de objetos por seus opressores, os aniquilando não somente pelo caráter moral, mas sobretudo pela destruição de seus corpos.

Procura-se, a seguir, indicar a disseminação do absurdo totalitarista através da propaganda as massas.

⁸OS CIGANOS E O TERROR NAZISTA, Myriam Novitch. Artigo disponível em <www.radiomundial.com.br> “Bárbara Richter, menina cigana, assim depõe: Até os prisioneiros mais afeitos a esses horrores sentiram enorme tristeza quando perceberam que os SS iam tirar um por um os pequenos judeus e ciganos, reunindo-os em um só rebanho. Os meninos choravam e gritavam, tentavam freneticamente voltar para os braços dos pais ou dos protetores que tinham encontrado entre os prisioneiros, mas envolvidos por um círculo de fuzis e metralhadoras, foram levados para fora do campo e enviado para Auschwitz, onde morreriam nas câmaras de gás.”

Não há como negar, a propaganda nazista foi de vital valor para a aderência do partido nacionalista no poder, sobretudo na consciência dos alemães. Desta maneira, através das convicções construídas para responder aquilo que o povo esperava de sua nação, os nazistas conseguiram seu alicerce mais engenhoso, o controle das massas. Como podemos ver em Hannah Arendt:

Somente a ralé e a elite podem ser atraídas pelo ímpeto do totalitarismo; as massas têm de ser conquistadas por meio da propaganda. Sob um governo constitucional e havendo liberdade de opinião, os movimentos totalitários que lutam pelo poder podem usar o terror somente até certo ponto e, como qualquer outro partido, necessitam granjear aderentes e parecer plausíveis aos olhos de um público que ainda está rigorosamente isolado de todas as outras fontes de informação. (HANNAH ARENDT, 1989, p. 390).

Segundo a autora, a propaganda só pode ser eficiente quando é direcionada para a subjetividade das massas, ou seja, quando esta é seduzida por discursos condizentes aos seus anseios. Tratando-se aqui como a solução para uma nação em crise, tanto econômica como de valores constituintes para um futuro próspero dos alemães.

Nesse contexto, a política de propaganda nazista foi categórica ao priorizar seu conteúdo a cada discurso de seu líder e demais formas da ideologia, como fórmula domesticadora da nação alemã... A propaganda como arma de convencimento, mesmo que não baseada na realidade foi uma técnica bem sucedida do regime Nazista:

A eficácia desse tipo de propaganda evidencia uma das principais características das massas modernas. Elas não acreditam em nada visível, nem na realidade de sua própria experiência; não confiam em seus olhos e ouvidos, mas qualquer coisa ao mesmo tempo universal e congruente em si. (SOUKI, 1998, p.67).

Compreende-se que, o discurso é cativado pelos ouvintes de maneira condizente ao seu estado desprovido, como se tomado por assalto diante de consciências vazias procurando por respostas de seu mundo. A respeito disso, os nazistas colocaram como vital necessidade a propaganda, sendo inclusive, nomeado um ministério para que essa devida linguagem fosse diretamente assimilada pela população inteira, como incentivos e sedutoras mensagens de patriotismo.

No que se refira ao conteúdo propagandístico e sua eficácia, tomemos as palavras de SOUKI:

O que convence as massas não são os fatos, mesmo que sejam fatos inventados, mas apenas a coerência com o sistema do qual esses fatos fazem parte. O que as massas se recusam a compreender é a fortuitude de que a realidade é feita. (SOUKI, 1998, p. 67).

Por isso, o conteúdo das mensagens pode devidamente ser incorporado pelo discurso científico. Deixando com que o argumento da ciência fosse levado ao entendimento dos controladores do regime, ou seja, exaltando os aspectos comprovados cientificamente para os fins da dita “raça superior”. Tomado por esse aspecto, o nazismo aliou ideologia como resposta econômica para toda a nação. Justificando os valores da raça para seus membros partidários, como incentivo para permanecerem na ideologia racial, agregando mais jovens⁹ e, sobretudo vigiando os que não se comportavam condizentes a doutrina nazista.

Em razão do significativo conteúdo criado pela ideologia através da propaganda, a percepção da realidade, tanto para os membros do regime quanto as massas, o mundo passava a ser lido de maneira uniforme, que o questionamento sobre uma alternativa de “outra vida” senão a do cotidiano, transforma o pensamento quase como que um delírio.¹⁰ A propaganda unificava as percepções e tornava o indivíduo conectado com a nação e esta servia-se daquele.¹¹

Tendo em vista o que foi dito, a propaganda nazista não era feita apenas nos moldes da incitação ao ódio, mas sobretudo construída quase subliminarmente a partir de ideias já inseridas na própria sociedade. Como nos diz Arendt, “o verdadeiro objetivo da propaganda totalitária não é a persuasão mas a organização – o “acumulo da força sem a posse dos meios de violência”. (ARENDR, 1989, p. 411). E de acordo com essa linha de pensamento, podemos entender, segundo Arendt, de que os regimes totalitários não se firmaram simplesmente impondo uma “nova”

⁹ JUVENTUDE HITLERISTA, Susan Campbell Bartoletti, p.37. “O repórter americano Kenneth Roberts escreveu sobre o exército de jovens: “ A juventude alemã pertence a juventude hitlerista. Em toda parte, vê-se o uniforme de cor mostarda e ouve-se as pesadas botas marchando nos calçamentos de pedra, clop, clop, clop, clop.”

¹⁰ “Na Alemanha nazista, duvidar da validade do racismo e do anti-semitismo, quando nada importava senão a origem racial, quando uma carreira dependia de uma fisionomia “ariana” (Himmler costumava selecionar os candidatos á SS por fotografia) e a quantidade de comida que cabia a uma pessoa dependia do número dos seus avós judeus, era como colocar em dúvida a própria existência do mundo.”(ARENDR, 1989, p. 412).

¹¹ “O Nazismo, como ideologia, havia sido “realizado” de modo tão completo que o seu conteúdo deixara de existir como um conjunto independente de doutrinas. Perdera, assim, a sua existência intelectual; a destruição da realidade, portanto, quase nada deixou em seu rastro, muito menos o fanatismo dos adeptos.” (ARENDR, 1989, p. 411).

ideologia, mas sim, acrescentando e nutrindo ideias que já existiam no pensamento das massas.

É razoável supor que, a propaganda totalitária só obtém sucesso quando suas bases são construídas a partir das lacunas deixadas pelas massas. “Espaços de pensamento” que por não serem discutidos na ordem social dos acontecimentos, deixam entreaberto para o sistema de propaganda – sob determinados regimes – acentuarem com esclarecimentos finais as demandas iniciais de pensamentos não esclarecidos.¹²

Soma-se a isto, a “comunidade das pessoas” (volksgemeinschaft) fora criada por Hitler como conceito propagandístico para acentuar a diferença do povo alemão sobre os outros povos.

A propaganda nazista concentrou toda essa nova e promissora visão num só conceito, o que chamou de Volksgemeinschaft. Essa nova comunidade, tentativamente concretizada no movimento nazista na atmosfera pré-totalitária, baseava-se na absoluta igualdade de todos os alemães, igualmente não de direitos, mas de natureza, e na suprema diferença que os distinguia de todos os outros povos. (ARENDR, 1989, p. 410).

Como vimos, o conceito se baseava na supremacia racial, da qual Hitler elegia com sendo a raça ariana a mais “pura e eleita” sobre as demais consideradas “inferiores”. Traçando assim, por meio propagandístico, a idealização como resposta aos preconceitos milenares a que muitos povos alimentaram sobre indiferenças humanas de espécie. Dessa forma, a construção de uma realidade fictícia para validar preconceitos, torna-se visceral como base científica e como prova uma suprema raça incontestável.¹³

¹² “Os únicos sinais que o mundo real ainda oferece á compreensão das massas desintegradas e em desintegração – que se tornam mais crédulas a cada golpe de má sorte – são, por assim dizer, as suas lacunas, as perguntas que ele prefere não discutir em publico, os boatos que não ousa contradizer porque ferem, embora de modo exagerado e distorcido, algum ponto fraco.” (ARENDR, 1989, p. 402).

¹³ “O motivo fundamental da superioridade da propaganda totalitária em comparação com a propaganda de outros partidos e movimentos é que o seu conteúdo, pelo menos para os membros do movimento, não é mais uma questão objetiva a respeito da qual as pessoas possam ter opiniões, mas tornou-se parte tão real e intocável de sua vida como as regras da aritmética.” (ARENDR, 1989, p. 412).

2.4 O caso Eichmann como personificação de uma ideia

Para entender a longa listagem de acontecimentos mencionados, sob um domínio burocratizado agora temos, por excelência, uma nova realidade imposta aos cálculos da razão humana. Segundo a perspectiva de Hannah Arendt, a análise sobre o homem Adolf Eichmann¹⁴ como um réu colocado as mesmas categorias na busca de um culpado pelo genocídio da solução final – ou mais especificamente, a organização de um sistema de assassinatos em massa.

Como vimos, as atrocidades cometidas pelos nazistas são inquestionáveis, mas diante tais evidências ao longo do trabalho, não podemos deixar de lado a pergunta. Como foi possível o holocausto acontecer em suas proporções, em meio a uma sociedade humana racional?

Para isto, antes de tudo, devemos seguir as investigações sobre a personalidade de Eichmann, como nos atenta Hannah Arendt:

O problema com Eichmann era exatamente que muitos eram como ele, e muitos não eram nem pervertidos, nem sádicos, mas eram e ainda são terrível e assustadoramente normais. Do ponto de vista de nossas instituições e de nossos padrões morais de julgamento, essa normalidade era muito mais apavorante do que todas as atrocidades juntas, pois implicava que- como foi dito insistentemente em Nuremberg pelos acusados e seus advogados – esse era um tipo novo de criminoso, efetivamente *hostis generis humani*, que comete seus crimes em circunstâncias que tornam praticamente impossível para ele saber ou sentir que esta agindo de modo errado. (ARENDR, 1999, p.299).

Outro aspecto importante a ser ressaltado é que Eichmann não era um “monstro” como era esperado do tribunal e da sociedade acusadora, pelo contrário, sua personalidade fora atestada como normal por psiquiatras. Sendo até mesmo considerado muito querido pelos familiares.¹⁵

Com bases nesses princípios, tomemos como percepção aquilo que Hannah Arendt chamou de *banalidade do mal*, sob o aspecto de “invisibilidade” em achar o verdadeiro culpado dentro de um sistema totalitário:

¹⁴ Otto Adolf Eichmann, Tenente coronel da SS. Responsável pela deportação e transporte para os campos de concentração nazista.

¹⁵ “...primeiramente por ser um homem “normal”. Foi o que seis psiquiatras atestaram sobre ele. Um deles espantou-se como seu comportamento com a família, amigos, irmãos era não somente “normal”, mas também “desejável”. E o pastor que o visitava na prisão relatava que ele era “um homem com muitas ideias positivas”. (SOUKI, 1998, p. 86).

[...] Eichmann não pode ser considerado um homem em sua maldade, mas um instrumento de destruição de milhões. Tudo o que ele e outros fizeram pareceu-lhes perfeitamente legal; tudo estava de acordo com o quadro de referencia do Estado totalitário. (SOUKI, 1998 p.86).

Trata-se de uma questão inerente aos sistemas totalitários, de que seus indivíduos não obtém a responsabilidade da forma que atribuímos a crimes comuns, mas sim, o sistema do qual estão inseridos que os absorve como peças de um sistema de engrenagem, resultante de extermínios em massa.

Considerando a dimensão dos fatos nos leva a questionar – no caso do julgamento de Eichmann como único culpado pelo extermínio da chamada “solução final”, a procura pela verdadeira face do sistema nazista, - que nos compete em que;“ O que estava em julgamento ultrapassa a responsabilidade individual. Eles julgaram Eichmann como um destruidor especial; um monstro, um anti-semita especial, e não o sistema nazista.” (SOUKI, 1998, p.87).

Como se percebe, o conceito que gira em torno do homem, seja Eichmann ou as outras pessoas que formavam o sistema nazista, adequa-se a ideia sobre a impossibilidade de uma *Gestalt* senão como forma operante em cada indivíduo participante de um sistema totalitário. “Ela nos leva a reconhecer no acusado um homem banal, sem grandes motivações ideológicas nem engajamento político, apenas um homem comum.” (SOUKI, 1998 p. 89). E remontando a um aspecto um tanto quanto (também) comum que o levava a exercer suas funções apenas como interesse de carreira profissional, filiando-se a SS por intermédio de um amigo de seu pai.

Tendo em vista o que foi dito a esse respeito, podemos relacionar a *irreflexão*¹⁶ que Eichmann mostrou exercer diante as barbáries que ordenou, de maneira burocratizada sob lógica totalitarista¹⁷, à indiferença aos assassinatos em massa por seu “distanciamento dos fatos”, alegando exercer funções administrativas - da maneira que ele mesmo compreendia sua atividade. Atribuindo seu modo de

¹⁶ “Por mais extraordinários que fossem os atos, neste caso, o agente não era nem monstruoso, nem demoníaco; a única característica específica que se podia detectar em seu passado, bem como seu comportamento, durante o julgamento e o inquérito policial que o precedeu, afigurava-se como algo totalmente negativo: não se tratava de estupidez, mas de uma curiosa e bastante autêntica incapacidade de pensar.” (SOUKI., 1998, p.92).

¹⁷ [...] Com o assassinato dos judeus não tive nada a ver. Nunca matei um judeu, nem um não judeu – nunca matei um ser humano. Nunca dei uma ordem para matar fosse um judeu fosse um não judeu, simplesmente não fiz isso”, ou , conforme confirmaria depois: “Acontece [...] que nenhuma vez eu fiz isso” – pois não deixou nenhuma dúvida de que teria matado o próprio pai se houvesse recebido ordem nesse sentido.” (ARENDR, 1999, p. 33).

perceber o mundo aos olhos da “ignorância passiva” diante a barbárie, sem ao menos se perguntar se aquilo que estava fazendo era certo ou errado. A resposta a questão sobre como humanos racionais puderam causar tamanha brutalidade talvez só poderá ser explicada através da ampliação do sentido do racismo. Diferente do que vimos aqui, o exercício dos acontecimentos através de um fantoche da ideologia nazista, cumprindo seu trabalho simplesmente por motivações profissionais.¹⁸ Bem como, segundo Arendt (1999, p. 15) “em juízo estão os seus feitos, não o sofrimento dos judeus, nem o povo alemão, nem a humanidade, nem mesmo o anti-semitismo e o racismo.” Eichmann não sentia-se culpado por crimes contra humanidade, acreditava que seus crimes eram “apenas de guerra” e que só poderia ser acusado de “ajudar e assistir”, e mesmo assim concordando que a aniquilação dos prisioneiros fora um dos maiores crimes da humanidade.

Analisando sobre essa ótica, Eichmann não compreendia como culpado diretamente dos crimes em massa, por não ter assassinado com suas próprias mãos alguma vítima. Demonstrando, assim, o caráter totalitário dos genocídios, onde o afastamento dos fatos transforma os homens em peças necessárias para todo o sistema, desvinculando a culpa de suas próprias consciências. Conforme Hannah Arendt:

Em tal enorme e complexo crime como este que estamos agora considerando, no qual muitas pessoas participaram, em vários níveis e em varias espécies de atividade – os planejadores, os organizadores, e aqueles que executaram os atos, segundo seus vários níveis – ,não ah muito proposito em se usar os conceitos normais de aconselhar e assistir a perpetração de um crime. Pois esses crimes foram cometidos em massa, não só em relação ao numero de vitimas, mas também no que diz respeito ao numero daqueles que perpetraram o crime, e na medida em que qualquer um dos criminosos estava próximo ou distante do efetivo assassinato da vítima nada significa no que tange à medida de sua responsabilidade. Ao contrario, no geral o *grau de responsabilidade aumenta quanto mais longe nos colocamos do homem que maneja o instrumento fatal com suas próprias mãos.* (ARENDR, 1999, p.268).

Pelo exposto, a autora conclui que, os mecanismos burocráticos por afastarem os mandantes criminosos, transforma seus atos em instrumentos de extermínio, mas tornando-os a parte quando é preciso identificar-se o verdadeira motivação pessoal do seu ato. Fenômeno que nas palavras de Souki,, em leitura de Arendt nos diz:

¹⁸ Ibidem. p. 93.

“Hannah Arendt nega a malignidade, quando ela admite que é precisamente porque os criminosos não são movidos por móveis maus e assassinos – eles mataram não por matar, mas porque isto fazia parte do *métier*. – e que isto não é fácil de compreender.”(SOUKI, 1998, p. 91).

2.5 O nazismo é um racismo?

Com o objetivo de expor os motivos pelo qual o nazismo estruturou-se, iremos agora abordar a ideia de raças que o nazismo teve como uma de suas principais bases para os acontecimentos que culminaram em um dos maiores genocídios da história.

Com base nestes princípios, buscará estabelecer-se aqui, não uma genealogia do racismo – como poderíamos ver em Gabeineau¹⁹, mas a partir da estruturação em que levou o pensamento de homens como Hitler a manifestar sua a ideologia nazista, com seu ódio pelas demais raças ditas “inferiores”.

E, nesse sentido, como podemos ver em Magnoli “o eugenismo manifesta-se nesse caso de um modo muito amplo, que escapa ao frasco da biologia e estende-se à esfera da cultura.” (MAGNOLI, 2009, p.40). Com isso, podemos ampliar a discussão mostrando os interesses do movimento nazista pela pureza de raças quando seu discernimento é importante para compreender a arquitetura das entrelinhas que a ideologia nazista usou para conquistar o povo alemão.

No que se refira ao interesse de Hitler pela questão das raças, segundo Magnoli (2009, p.42), tal interesse era secundário em relação ao segundo homem do nazismo, Himmler. Do qual sua crença na raça pura tinha influencias místicas, e a de Hitler não passaria de uma oportunidade política de poder.²⁰ E quanto a isso, talvez pudéssemos dizer que Hitler tinha motivações acima de tudo, econômicas de Estado (MAGNOLI, 2009, p.54). O nazismo não estava apenas interessado na expulsão

¹⁹ Joseph Arthur de Gobineau 1816 – 1882. Foi um dos teóricos do determinismo racial.

²⁰ “O racismo antisemita de Hitler não se alicerçava sobre a biologia, distinguindo-se radicalmente do “racismo científico” que continuava em voga. O defeito insanável dos judeus era de ordem cultural e histórica. Não é que Hitler não acreditasse, ao menos parcialmente, nos dogmas sobre as diferenças físicas e intelectuais entre as raças e na hierarquia racial convencional. Mas nada disso lhe interessava muito. Sob a perspectiva da realização do destino do Volk alemão, sua referencia absoluta, o essencial era a guerra contra os judeus. Naquela guerra, a vantagem dos alemães estava no “espírito idealista”. Cabia ao nazismo desenvolvê-lo ate as ultimas consequências.” [grifo nosso]. (MAGNOLI, 2009, p.45).

judaica como raça, mas também como manobra estratégica econômica, apossando-se de pessoas para reger a política interna e usá-las como mão de obra escrava nos campos de concentração, como se pode ver nas leis de Nuremberg²¹. O que se supõem também a retirada dos direitos como o início dessa política de “coisificação” humana reforçada pelo argumento das raças.

É possível relacionar um alvo sobretudo cultural por detrás da eugenia nazista. Uma vez que, segundo Magnoli “o nazismo não pode ser interpretado como um herdeiro legítimo do pensamento racial do século XIX: na verdade, ele evidenciava uma crise do sistema hierárquico de raças.” (MAGNOLI, 2009, p. 44). Com isso, segundo o autor, Hitler pensava o discurso das raças como fundamento para uma nação, em que o próprio povo fosse o Estado, regido pela vontade de Deus.²² E que sob esse aspecto, conclui-se que a chamada “raça superior” fosse obra divina, sendo essa a escolhida para reger ao bem entender as demais classificadas como “raças submissas”.

Estabelecendo-se a privação de direitos, uso de pessoas humanas como instrumento de experiências científicas, transporte para campos de concentração para confinamento via trens de gado para posterior extermínio - caso não fossem aptos ao trabalho (escravo), como mulheres, crianças e deficientes, tudo isso por um preconceito racial que o nazismo se mostrou no direito de subjugar os demais indivíduos humanos como meios para seus fins.

Em função de tal postura, após ser reconhecido o holocausto humano, a ONU proclama os direitos humanos negando o direito a qualquer tipo de discriminação por distinção como se pode ler: “Todas as pessoas são titulares dos direitos e liberdades anunciados nesta Declaração, sem distinção de nenhum tipo, como raça, cor, sexo,

²¹ “A primeira lei nacional antijudaica, adotada em 1933, proibiu aos “não arianos” o acesso a empregos públicos.[...] leis similares, do mesmo ano, proibiram os judeus de praticar a medicina e a advocacia. [...] Goebbles, o ministro da propaganda, e do partido nazista, que deflagrou ações de vandalismo contra comerciantes judeus.[...] Hitler solicitou normas discriminatórias relativas ao matrimônio e à cidadania. [...] Lei para proteção do sangue germânico e da honra germânica proibiu casamentos e relações sexuais entre judeus e arianos. [...] A lei de cidadania do reich cancelou a cidadania dos “não arianos” e introduziu uma distinção entre cidadãos e nacionais. Somente o “cidadão do Reich”, categoria que excluía os judeus, possuiria “completos direitos políticos”. (MAGNOLI, 2009, p.53).

²² “O totalitarismo nazista, ao contrário dos diversos autoritarismos de tipo fascista, não partia da celebração do Estado, mas da glorificação do povo (volk). Um ano depois de chega ao poder, em 1934, Hitler explicou uma vez mais sua posição: “Estrangeiros talvez digam que o Estado nos criou. Não! Nós somos o Estado! Não seguimos as ordens de nenhum poder terreno, mas apenas as de Deus, que criou o povo alemão! De nós depende o Estado! “(MAGNOLI, 2009, p.43).

linguagem, religião, opiniões políticas ou outras, origem nacional ou social, propriedade, nascimento ou outra condição.” (MAGNOLI, 2009, p. 57).

Pela importância do esclarecimento a um dos maiores genocídios racial, especialistas se mostraram condizentes e vieram a afirmar que:

O fato biológico da raça e o mito da “raça” devem ser distinguidos. Para todos os propósitos sociais práticos, “raça” não é menos um fenômeno biológico que um mito social. O mito da “raça” criou uma quantidade enorme de prejuízos humanos sociais. (MAGNOLI, 2009, p.58).

Diante desse cenário, cabe-nos afirmar que o nazismo é um racismo em suas relevâncias escravistas, uma vez que transformou pessoas humanas em objetos, quando deixou de reconhecer seus direitos os tornando meios para outros humanos. Sendo transformados em propriedade.

2.6 O mal se configura no especismo

A partir da ideia de que o nazismo exerceu através de seus atos uma assimilação de racismo extremo, se auto-intitulando como detentor da “raça suprema ariana”, e por métodos de seleção de tratamento para restringir direitos a todos que não se enquadravam em sua categoria de indivíduos puros, busca-se nesse item as relações de um mesmo tratamento imposto aos animais não humanos.

Entretanto, cabe-nos ressaltar, em que nível de abrangência nossos valores morais alcançam quando privilegiamos sobretudo o senso comum? Quero dizer, Eichmann, assim como outros oficiais nazistas não estariam sendo sinceros ao justificarem com toda tranquilidade (mental inclusive) que seus atos eram validados? Pois quando diziam “mas no fundo, são apenas ciganos!”²³ referindo-se a síndrome de tifo em um dos campos, não estaríamos nós agora, animais humanos na mesma condição quando desconsideramos os animais não humanos só por não pertencerem a nossa espécie dizendo que são “apenas animais”?

²³ OS CIGANOS E O TERROR NAZISTA, artigo de Myriam Novitch. Online, consultado em 11/2011. Acesso por <http://radiomundial.com.br/assuntosabordados/?id=383>

Não se pode ignorar as experiências atroztes em que foram submetidas pessoas humanas pelo nazismo, tornando-as como cobaias para experiências científicas..

A analogia entre o especismo e o racismo se aplica à prática tão bem quanto à teoria, na área da experimentação. O Especismo flagrante leva a experimentos dolorosos em outras espécies, defendidos sob a alegação de que contribuem para o conhecimento e sua possível utilidade para nossa espécie. O racismo flagrante levou a experimentos dolorosos em outras raças, defendidos sob a alegação de sua contribuição para o conhecimento e possível utilidade para a raça que fez os experimentos.” (SINGER, 2004, p.92.).

Da maneira que a justificativa para serem tomados como objetos, bastava a acusação de pertencerem a “outras raças” que não a chamada “raça pura”, raça essa em que teria os privilégios supremos de instrumentalizar quem bem entendesse em nome da ciência²⁴. Como também já foi mencionado, as demais categorias de exploração e extermínio humano pelo nazismo, sob os princípios da técnica, confinando, separando famílias, marcação dos corpos com números de matrícula, enviados a campos de trabalho forçado, e ao final muitos sendo assassinados em câmaras de gás e enterrados em valas comuns.

Trata-se de uma questão não depreciativa – como muitos poderiam supor, diante nossa analogia proposital. E sim, a direta condição de que trataremos os próximos capítulos do presente trabalho. Abrangendo em cada ponto para identificar a validação moral idêntica como é atribuída a não consideração de pessoas humanas, sobre o preceito de raças, tal analogia se dará pelo conceito de especismo.²⁵ Advindo que não podemos jamais esquecer, somos todos animais humanos, e precisamos alargar o campo da moralidade para a compreensão da maneira que tratamos os animais não humanos. Esses que insistimos em considerar como propriedades, utilidades, eternos meios para nossos fins.

²⁴ “Os paralelos entre essa atitude e a dos experimentadores de hoje com relação aos animais são notórios.” (SINGER, 2004, p. 92).

²⁵ Especismo:”Por analogia com o racismo ou com o sexismo, o ponto de vista incorreto que consiste em recusar o respeito pelas vidas, pela dignidade e pelos direitos ou necessidades dos animais.(DICIONÁRIO OXFORD DE FILOSOFIA, p. 123) [...] é o preconceito ou a atitude tendenciosa de alguém a favor dos interesses de membros de sua própria espécie e contra os de outras [...] (SINGER, 2004, p. 8). [...] Especismo e racismo (e na verdade sexismo) ignoram ou subestimam as semelhanças entre o discriminador e aqueles contra quem este discrimina e ambas as formas de preconceito revelam indiferença pelos interesses de outros, e por seu sofrimento.” (RYDER apud FELIPE, 2007, p.192).

3 O HOLOCAUSTO DOS NÃO HUMANOS

O presente capítulo visará descrever os métodos e condicionamentos de como os animais não humanos são tratados pelos animais humanos. Passando pelas mais diversas áreas do cotidiano como objetos para os deleites da sociedade especista humana. Colocando de início, as propagandas diariamente vinculadas por diversas mídias, afim de que o atrativo e familiaridade sejam absorvidos pelos consumidores ativos de produtos de origem animal, tornando cada vez mais distante a relação humana com a historicidade da produção animal para consumo. Buscando através de comerciais legitimar o senso comum de que animais não humanos nasceram para servirem de alimentação, roupas, indispensáveis como cobaias, entretenimento, e necessários meios para nossos fins.

3.1 Propaganda totalitária especista

Antes que sejam traçados os caminhos da propaganda especista talvez fosse pertinente lembrar-nos das palavras de Hitler quando abertamente declarou em seu *Mein Kampf* que “resulta da própria natureza das coisas que no volume da mentira está uma razão para ela ser mais facilmente acreditada...” (HITLER., p. 102).

Com base nesses princípios, podemos agora ir em frente com as abordagens da propaganda totalitária especista, ou seja, a publicidade das indústrias exploradoras de animais não humanos. E, de fato, as palavras de Hitler que diz que quanto maior a mentira, melhor de ser acreditada, cabem perfeitamente no discurso da indústria especista.

Assim como o regime nazista utilizou da propaganda como mantenedor de suas convicções totalitárias como resposta aos possíveis discordâncias da ideologia²⁶, a grande publicidade de produtos animais não mede esforços para conquistar e manter seus consumidores distantes da realidade das linhas de abate. Com tal afirmativa, deixamos claro que os discursos não se dão apenas através da vinculação formal de mídia, mas também através da doutrinação do senso comum.

²⁶ “Quanto maior for a pressão exercida pelo mundo exterior sobre os regimes totalitários – pressão que não é possível ignorar totalmente mesmo atrás da “cortina de ferro” – mais ativa será a propaganda totalitária. O fato essencial é que as necessidades da propaganda são sempre ditadas pelo mundo exterior; por si mesmos, os movimentos não propagam, e sim doutrinam.” (ARENDR, 1989, p. 393).

A base doutrinária do senso comum deve ser entendida por suas subjetividades, ou seja, os grandes marqueteiros não medem esforços para conquistar as massas com jargões fáceis de serem assimilados, logo, maquiando o produto – seja esse o que for, e em nosso caso, animais não humanos como objetos de consumo -, para que sejam abstraídos da realidade.

Da mesma forma que sistemas totalitaristas chamam as massas para sua ideologia, os comerciais da indústria de carnes também se utilizam de estratégias para assimilação cultural. Relacionando a culturas locais, o fomento das tradições supervalorizadas para instigar orgulho nos consumidores. Obtendo com isso, paralelos de arquétipos naturais da relação homem e animal, como conotação natural desta interação de “presa e predador”, em bucólica harmonia com a natureza.

Nesse contexto, a publicidade das indústrias costuma jogar com estratégias de *infantilização* de seus produtos de origem animal. Minimizando os impactos com possíveis indagações a respeito do caminho trilhado dos animais não humanos até virarem produtos. Mas cabe também ressaltar que, todo esse processo é massivamente divulgado por diversos veículos de assimilação. Não basta apenas um comercial recheado com as diversas técnicas de publicidade, se não for instituído o carro chefe das grandes indústrias, o logotipo, geralmente transformado em mascote humanizado. Uma poderosa ferramenta de conquista, sobretudo das crianças como receptoras da mensagem, tornando a relação de reciprocidade mais familiar e agradável²⁷. Como podemos ver na descrição da primeira vinculação de um dos mascotes mais conhecidos da indústria de abates em que *o mascote, um simpático franguinho com ares de herói, salva a dona de casa que estava em apuros não sabendo o que fazer para o jantar da família. “Com isso, gerando uma grande empatia com o público, criando um vínculo amistoso de marketing.”*

Mas há também os comerciais diretamente para o público adulto e masculino. De mensagens diretas em resposta as técnicas e resultados econômicos. Tornando a abrangência de imagens e linguagens direcionadas a produtores da própria ideologia especista. Abordada em aspectos utilitários, voltados para o mercado explorador, como: animais de raça, sêmem de animais premiados, antibióticos para

²⁷ Interessante ressaltar a semelhança com as crianças da juventude hitlerista, em que; “...crianças cantavam, faziam jogos, decoravam frases de propaganda, ouviam palestras e liam panfletos: tudo para aprenderem a ser bons nazistas.” (JUVENTUDE HITLERISTA, p. 31).

facilitar a reprodução em confinamento, etc. Ademais, vínculos diretos com o público, com canais de produção intensa noticiando cotações dos animais e seus corpos, tornando esse ciclo moeda corrente da economia, chamada pecuária.

Como se percebe, a relação do animal humano com os demais não humanos é de completa subestimação, partindo do princípio de “senhor e escravo”. Institucionalizando o corpo dos animais não humanos como propriedades e, em se tratando exclusivamente da propaganda publicitária, vendendo suas vidas dentro da lógica de oferta e procura. E como não poderíamos deixar de constatar, transformando esse ato em uma relação de afastamento da realidade, uma vez que, dentro dos moldes publicitários são descaracterizados de sua natureza e como seres vivos, para serem “coisificados” pelo mercado e abstraídos através da propaganda em massa. Com isso, relacionando facilmente o discurso especista em uma social aceitação da exploração de vidas dos animais não humanos.

3.2 Confinamento e Manejo

Buscaremos agora descrever o manejo aplicado aos não humanos antes do processo final de assassinato para fins da indústria da carne e seus derivados. Restringimo-nos a apresentar os métodos referentes ao condicionamento de suínos, mas semelhantes métodos são aplicados a outros animais não humanos pela indústria de bovinos, aves, caprinos e ovinos.

Como primeira fase para a criação de suínos, estes são em grande maioria gerados em ambiente absolutamente artificial pela indústria. Nascem em baias com grades de ferro onde a “matriz”, como é chamada a fêmea, tem sua vida limitada a mecânica função de gerar filhotes em pequenos períodos entre as gestações. E que sua natureza, além de ausente neste ambiente, é forçada através de métodos de inseminação artificial a gerarem de 10 a 12 leitões, enquanto em natureza esse número seria de 4 a 5 filhotes²⁸.

De acordo com isso, os leitões machos são os principais alvos da indústria da carne, pois assim que desmamados são castrados e tem seus rabos cortados. Estes

²⁸ 1º Conferência Internacional virtual sobre qualidade de carne suína. Disponível em: <http://www.cnpsa.embrapa.br/sgc/sgc_publicacoes/anais00cv_portugues.pdf#page=14>

processos se dão pela presença contínua de dor infligida a esses animais, como podemos ver a descrição sobre o manejo:

Os suínos são castrados para evitar o que é chamado de “cheiro de cachaço”, que se acredita que afete a qualidade da carne. Na realidade, a maioria dos machos é abatida antes de atingir a idade em que o cheiro surja [...] “A castração causa dor e perturbação severa a suínos e deve ser evitada se possível”. [...] De fato, o SVC afirma que “a castração usando meios cirúrgicos causa dor prolongada que possivelmente é agravada quando os tecidos são rasgados”. Um método alternativo de castração é o anel de borracha que é colocado para restringir o fluxo de sangue para o escroto; com o passar do tempo, os testículos caem. Isto também causa dor. (STEVENSON, 2000, p.9).

Ainda de acordo com as mutilações, a prática de cortar os rabos dos suínos também não deixa de exigir tamanha proporção de dor nos indivíduos. Referente a isto, ainda nos relata a EMBRAPA:

Caudas mordidas podem levar a infecções e abscessos. Para evitar que as caudas sejam mordidas, a maioria dos criadores corta o rabo dos leitões com alicates ou um ferro quente (em geral, não se usa anestésico). A ideia por trás do corte da cauda é que a parte da cauda que permanece é muito sensível e assim, o animal foge rapidamente se outro começa a morder a sua cauda. (STEVENSON, 2000, p.8).

Não há dúvidas, a vida destes animais não humanos é miserável em todos os aspectos. Pois não bastando serem tratados como objetos, ainda tem por privação absoluta seu ambiente natural. Condicionados em meio a centenas de outros animais em baias de concreto. Tornando suas patas sujeitas de todo tipo de ferimentos e stress contínuos.

Há também os agravantes da seleção genética de que esses animais não humanos passam. Modificando severamente sua natureza para fins econômicos de exploração. E que de acordo com proporcionais sintomas, os animais estão crescendo de maneira desproporcional a sua capacidade física²⁹. Transformando sua natureza enquanto indivíduo, em um objeto que produz carne aos animais humanos.

²⁹“Os suínos estão crescendo demais não apenas para suas patas, mas também para o coração e os pulmões. Como resultado da seleção genética, os suínos são submetidos a esforço excessivo porque seus músculos são desproporcionais em relação aos vasos sanguíneos e ao coração.” (Disponível em: http://www.cnpsa.embrapa.br/sgc/sgc_publicacoes/anais00cv_portugues).

Entretanto, temos agora o transporte destes indivíduos para o seu derradeiro martírio final. De acordo com os nomes técnicos dados aos animais pela indústria da carne, podemos ter a noção do quanto sua validade é estimada como produto, os colocando na condição de categorias de produção. São chamados de “leitões desmamados, em crescimento, reprodutores para reposição (incluindo marrãs e cachaços), suínos em terminação (idade de abate), matrizes descartadas e suínos doentes ou feridos (“baixas”).³⁰ O número de animais transportados sob forte stress é apenas um dos fatores que poderíamos considerar ao se colocar no lugar destes indivíduos. Se em relação a isto nos darmos conta de que o número do rebanho Brasileiro chega a 34 milhões de suínos, criados exclusivamente para serem abatidos em grandes frigoríficos.

Ao serem preparados para o embarque, os animais são forçados em bretes através de paus e picana elétrica, instrumentos que servem para fazer os animais andarem, e no caso da picana, consiste em dar choques invés de bater. E ao chegarem nos destinos finais, os frigoríficos, muitos não atendem as normas técnicas e possuem rampas nos bretes inadequadas, causando tombos nos animais ao serem desembarcados, com isso, causando lesões³¹. Também ao final do desembarque, veterinários fazem uma prévia expressão para condenar algum animal que possa não ter aguentado o transporte e chegar morto, assim como alguns animais chegam seriamente machucados, esses serão inutilizados, taxados como “baixas” e sacrificados, não servindo para consumo humano.

Referente a todo processo, convém agora esclarecer os números de indivíduos assassinados somente no ano de 2010 pela indústria da morte, apenas no Brasil. A divulgação da façanha pode ser lida com entusiasmo técnico fazendo-nos esquecer de que se tratam de vidas;

A oferta de suínos para abate, em 2010, aumentou 1,8 %, de 33,8 milhões de cabeças para 34,3 milhões. No período, os abates sob Inspeção Federal totalizaram 29,1 milhões de cabeças, o que significou um crescimento de 2,5 % em relação a 2009. Os abates sob outras certificações mantiveram-se em decréscimo. Mais de 83% da oferta foi absorvida pelo mercado interno. A continuidade da expansão dos abates, frente à estabilidade da oferta

³⁰ Idem, p. 14

³¹ “Os animais que morrem em transitio não tem uma morte fácil. Morrem congelados no inverno, e de sede e exaustão no verão. Deitados no curral, sem ser atendidos, morrem as lesões provocadas por quedas nas rampas escorregadias . (SINGER, 2004, p. 169)

resultou em uma recuperação dos preços no mercado doméstico. (ABIPECS, 2010).

Como vimos, a realidade dos animais não humanos no transporte e em partes no tratamento de confinamento, pode ser facilmente assimilada com a viagem sem volta imposta as vítimas do nazismo. Definitivamente, uma viagem sem volta, financiada pelas mãos da tirania racista, e em nosso caso, pela tirania especista da maior parte dos humanos, sustentada por números dignos de guerras.

3.3 Alimentação

Ao serem promovidos a mercadorias, os animais não humanos passam agora como objetos classificados de “necessidade dietética para sobrevivência dos animais humanos.” Em um discurso reproduzido exaustivamente pela indústria, tanto quanto pelos consumidores, acabando por reproduzirem nas culturas, a continuidade desta cadeia de sofrimento que é o assassinato de vidas não humanas para o consumo diário de pedaços de seus corpos para alimentação.

A seguir, farei a descrição dos principais caminhos que um animal não humano percorre para ser descaracterizado até chegar aos nossos pratos. Os procedimentos podem sofrer algumas alterações, mas são os comumente usados na indústria frigorífica. A descrição será restrita apenas a indústria de suínos, mas suas características de manejo são semelhantes à de bovinos, caprinos, aves, e demais animais não humanos caracterizados pela tradição da crueldade de que, “nasceram para servirem aos animais humanos” (Gn,9).

Para consolidar, faremos um relato de uma visita a um abatedouro municipal, ou seja, de pequeno porte na produção de carne animal. Mas nem por isso, menos condizente com a realidade maximizada em números de vítimas.

Não diferente da grande maioria dos abatedouros, este se encontra em uma estrada, retirado da cidade. Característica industrial, que neste caso, remonta ao fato de que a grande maioria das pessoas não se sentiria bem ouvindo ao lado de sua casa gritos intermitentes de animais sendo mortos. E também do forte cheiro de morte no ar.³²

³² “As pessoas podem desejar que a carne que comprem proceda de um animal que morreu de forma indolor, mas não querem realmente saber o que acontece. Contudo, os que, porque comprem a

Dando início às atividades do dia os animais, já no local de confinamento apresentam: arranhões e escoriações, provavelmente da viagem apertada e altamente estressante. Os animais precisam estar em jejum para serem mortos, com um tempo mínimo de 24 horas, durante esse tempo, só lhes são disponibilizado água, - e em relação a isso, a água é o que definitivamente não falta em abatedouros, sua necessidade se mostra presente em quase todos os processos.

Entretanto é chegada o momento de entrar no recinto de abate onde cerca de seis funcionários trabalham. Todos parecem exercer funções definidas, mas com certeza, a função que mais transparece é a indiferença dos que matam. Homens que exercem o ato de matar de maneira absolutamente tranquila, em um visível exercício de banalidade do mal. Mas antes dos animais entrarem para serem assassinados, passam por um banho gelado, e segundo informações do guia, serve para dissipar a eletricidade do choque atordoador (choque de 240 v para que o animal fique “insensibilizado”³³ no momento do abate.), mas, sobretudo, para que o frio do banho seja causador de um maior bombeamento do coração e que isto seja responsável pela acumulação do sangue na região da jugular, para que ao ser furada sua garganta, jorre o máximo de sangue. Tudo descrito no mais absoluta frieza técnica,, o mundo no genocídio animal se resume em técnica. Esta tratada com especial apreço para questões de higiene e maior produtividade, ou seja, maior número de animais não humanos assassinados em menos tempo – mas certamente não o tempo de sofrimento e dor desses indivíduos e sim, de espaço entre um e outro serem abatidos para maiores lucros.

É chegada o momento das primeiras mortes. Os animais são presos em uma espécie de brete onde ficam molhados por alguns instantes, e logo serão empurrados para irem até um pequeno corredor. Nesse local já estará um dos funcionários com um instrumento em formato de bastão, e na ponta dividido em duas partes semelhante a um U, que assim que o animal entrar o homem levará esse instrumento na cabeça do animal para que seja brutalmente paralisado com um

carne, exigem que animais sejam mortos, não merecem ser protegidos desse ou de outros aspectos da produção de carne que compram.” (SINGER, 2004, p. 169).

³³“PROJETO DE LEI Nº _____, DE 2007. “2.6. Atordoamento ou Insensibilização: é o processo aplicado ao animal, para proporcionar rapidamente um estado de insensibilidade, mantendo as funções vitais até a sangria; 2.7. Sensibilidade: é o termo usado para expressar as reações indicativas da capacidade de responder a estímulos externos; 2.8. Abate: é a morte de um animal por sangria.”

choque³⁴. Após o golpe, o indivíduo não humano cai no chão e começa se debater desesperadamente, como um animal humano em crise epilética. Certamente o animal não está morto, e o que chamam de “estar inconsciente” não convence para quem o vê nesta situação de angústia completa. Em seguida o animal é içado por uma corrente em sua pata traseira, e erguido cerca de um metro – e durante todo o tempo o animal se debate desesperadamente, apenas por uma das pernas suspenso. É-lhe deferido uma estocada de faca, na região da garganta e o animal então, começa brutalmente se debater, mas dessa vez com litros de sangue jorrando nas paredes de azulejo brancas. É então feito o procedimento pelos dois homens, afiando as facas insistentemente, e um deles com um gancho de ferro em mãos, prende o animal pendurado pelo orifício da garganta furada trazendo-o até uma mesa de ferro chamada “praia de vômito”. Na mesa ele ficará cerca de seis minutos, eternos seis minutos com espasmos e morrerá “engasgado” no próprio sangue. Logo e quase instantaneamente os dois humanos começam a passar suas facas afiadas e com sagaz técnica o animal é desmembrado, pois sua pele e patas são cortadas. A dor não sai nunca de cena. É impossível não considerar que estas vítimas não sintam até seu último suspiro de vida.³⁵

O processo seguinte é a volta às roldanas e levado como em uma linha de montagem de carros, semelhante a um objeto, uma máquina de produzir carne. Outro funcionário é responsável pela desossa do animal, um senhor de meia idade com plenas convicções de seu afazer. Tranquilo no manejo da faca, é preciso ao “limpar” a carcaça do animal, retirando fígado, rim, tripas, ou seja, todos os órgãos internos. E ao desprender-se do corpo do animal, cai imediatamente em uma esteira de metal que leva diretamente para outra funcionária, uma mulher que exerce a

³⁴ Não se pode ignorar a visível e intensa constatação de dor desses animais. E diante as normas técnicas de assassinato, se trata eufemisticamente como “insensibilizar” o animal para sangria. Ora, mas não estaríamos diante uma insensibilização real dos próprios algozes deste sistema? Homens que matam em tranquilidade por suas vítimas pertencerem à outra espécie, indivíduos que não fazem parte de seus ciclos morais. Vidas coisificadas pelo animal humano.

³⁵ “Se é justificável admitir que outros seres humanos sentem dor como nós sentimos, há alguma razão para que uma inferência equivalente não seja justificável, no caso de outros animais? Quase todos os sinais externos nos levam a inferir a existência de dor em outros seres humanos podem ser observados em outras espécies, sobretudo nas espécies mais intimamente relacionadas a nós: os mamíferos e as aves. Os sinais comportamentais incluem contorções, contrações no rosto, gemidos, ganidos, ou trações de medo diante da perspectiva de repetição, e assim por diante. Além disso, sabemos que esses animais possuem sistemas nervosos muito semelhantes aos nossos, que respondem fisiologicamente como os nossos, quando se encontram em circunstâncias em que sentiríamos dor: elevação inicial da pressão sanguínea, pupilas dilatadas, transpiração, aceleração do pulso e, se o estímulo continuar, queda da pressão sanguínea.” (SINGER, 2004, p. 13).

monótona função de “separar os miúdos”. Procedimento que dará início a matéria prima de condimentos enlatados e demais subprodutos do que fora um indivíduo com os mesmos aspectos vitais que os animais humanos.

E seguindo o processo as carcaças serão agora fiscalizadas por um veterinário, colocando em prática as normas técnicas de inspeção animal para a posterior liberação de consumo. Após a inspeção, o corpo do animal recebe um carimbo de “aprovado” e é resguardado junto a outros em uma câmara gelada. Mais uma vez, a história traça a fria convicção de exploração justificada por aspectos técnicos como controle e apossamento de indivíduos sobre outros. Mais uma vez se transformam vidas em coisas, em números, em “alimentação”, justificada e velada pela pretenciosa afirmação de “raças inferiores”.

3.4 Vestimenta

No presente ponto nos restringiremos apenas descrever em relação ao couro bovino como vestimenta dos animais humanos. Embora sejam oferecidas amplas alternativas ao uso do couro como vestimenta, os animais humanos insistem em seguir o processo de sobreposição de caprichos por esse utensílio. Provando como sempre, serem os coadjuvantes na longa história de crueldades regida pelo especismo inerente as culturas. O processo de retirada do couro das grandes indústrias de matança são da seguinte maneira:

O couro recebe alguns cortes com facas em pontos específicos, para facilitar sua remoção, que então é feita com equipamento que utiliza duas correntes presas ao couro, e um rolete (cilindro horizontal motorizado), que traciona estas correntes e remove o couro dos animais. Também pode ser feita a remoção manual do couro, utilizando-se apenas facas. A operação deve cercar-se de cuidados para que não haja contaminação da carcaça por pelos ou algum resíduo fecal, eventualmente ainda presente no couro. (GUIA TÉCNICO AMBIENTAL DE ABATE, p. 33).

De acordo com a técnica, ainda é preciso após a retirada, ser devidamente condicionado em soluções químicas³⁶. Depois enviado para os curtumes que darão

³⁶ “O processo básico envolve arrancar o couro da carcaça, limpando-o com uma solução de sal e bactericida, deixando-o de molho para limpeza e reidratação. Em seguida usam-se sulfetos e hidróxido de cálcio para remover pelos e facilitar a remoção de toda carne. O couro é então tratado com mais produtos químicos (e sulfetos), neutralizado e conservado em uma solução de (normalmente ácido sulfúrico) para que os agentes do curtimento possam penetrar na pele. Depois

seus devidos procedimentos de transformação para indústria de calçados, roupas, estofamentos automotivos, e uma infinidade de outros utensílios.

3.5 Experiências científicas

A vida dos animais não humanos é bestialmente explorada, também pela ciência. Uma vez coisificados, animais são propriedades legítimas e passam por moeda corrente. E no meio científico remontam aos mais variados testes, que segundo os pesquisadores afirmam “serem necessários”. Ou em outras palavras, a exploração é justificada.

Ao contrário dos já mencionados abatedouros, os laboratórios têm grandes restrições quanto à segurança de suas atividades³⁷. Cobaias dentro da lógica especista corrente, tem um pouco mais de apoio do senso comum humano. E gerar polêmica quanto ao trabalho da ciência não é nem um pouco interessante para os negócios da indústria da vivisseção³⁸.

Diante deste cenário faremos a descrição de alguns métodos de pesquisa usados exclusivamente em animais não humanos. A lista é longa, mas acredite, não chega a metade das mais variadas formas de crueldade em que o animal humano submete esses indivíduos. Segundo REGAN:

Pesquisa sobre o olho: São usados macacos, coelhos, cães, gatos e outros animais. Os olhos dos animais são queimados ou feridos de outras maneiras; as vezes, as pálpebras são fechadas com suturas, ou os olhos são removidos.

Pesquisa sobre queimaduras: Os animais (cobaias, ratos, camundongos e cães, por exemplo) são queimados usando-se químicos ou radiação, ou então sofrem “queimaduras térmicas”, desde amenas até de terceiro grau. As queimaduras térmicas são causadas imergindo-se todo o corpo do animal, ou parte dele, em água fervente, ou pressionando-se uma chapa quente contra sua pele, ou usando-se vapor.

é curtido em sais de cromo e colocado para secar, antes de ser classificado e ainda mais processado, conforme o uso a que se destina.” (GANG, Apud REGAN, 2006, p. 146).

³⁷” As instalações de pesquisa são, em geral, projetadas para que o público praticamente não veja os animais vivos que nele entram e os mortos que dele saem. Um conhecido manual sobre o uso de animais em experimentação aconselha os laboratórios a instalar um incinerador, de vez que a visão de dezenas de corpos de animais mortos retirados como lixo comum “certamente não aumentará a estima que o centro de pesquisa goza junto ao público”. (SINGER, 2004, p. 246).

³⁸” Animais vivos são usados largamente ao redor do planeta em experimentos. As estimativas alcançam a casa dos 500 milhões anuais. Esse uso destina-se a determinar os efeitos benéficos ou nocivos sobre o organismo humano, de dezenas de milhares de componentes químicos, concentrados ou diluídos em formulas destinadas à inalação, ingestão, inoculação ou aplicação tópica.” (FELIPE, 2007, p.24).

Pesquisa sobre radiação: Todo o corpo de um animal, ou parte dele, é submetido à radiação; em alguns casos os animais de teste são forçados a inalar gases radioativos. Entre os animais usados estão cães, macacos, ratos, camundongos e hamsters.

Pesquisa sobre o cérebro: A atividade e o comportamento do cérebro são estudados em gatos, cães, macacos, coelhos e ratos, por exemplo. Os animais sofrem o trauma experimental (normalmente produzido por um ferimento físico direto na cabeça), são submetidos à manipulação cirúrgica, ou são estimulados eletricamente (por exemplo, depois de sofrerem um implante cirúrgico).

Pesquisa sobre choques elétricos: As reações fisiológicas e psicológicas ao choque elétrico são estudadas em vários animais, principalmente ratos. Choques elétricos em graus e intervalos variados são administrados principalmente pelo pé ou pelo rabo.

Pesquisa sobre agressão: São investigados os efeitos, no comportamento agressivo, de fatores como isolamento social, disfunção cerebral induzida e privação do sono.

Pesquisa sobre estresse: Os animais de teste são expostos no frio e ao calor extremos, privados de sono REM, imobilizados ou malnutridos, por exemplo, para se investigar fisiologia e comportamento.

Pesquisa militar: Com verba do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, vários animais, incluindo primatas não humanos, são submetidos a armas convencionais, biológicas e químicas, assim como as com radiação nuclear, raios laser e microondas de alta potência.”(DINER, Apud REGAN, 2006,p.213)

Em relação ao quadro apresentado acima, Peter Singer completa;

Na Alemanha, sob o regime nazista, quase duas centenas de médicos, alguns eminentes no mundo da medicina, participaram de experimentos com prisioneiros judeus, russo e poloneses. Milhares de outros médicos sabiam desses experimentos, alguns dos quais foram objeto de conferências em escolas médicas. No entanto, os registros mostra que eles assistiram relatos infligidos a essas “ raças inferiores”, e prosseguiram, discutindo as lições médicas que se podiam tirar deles, sem que ninguém apresentasse o mais leve protesto contra a natureza dos experimentos. Os paralelos entre essa atitude e a dos experimentadores de hoje com relação aos animais são notórios. (SINGER, 2004, p.92).

Segundo o autor, a analogia com o nazismo está presente em todos os aspectos. Da aceitação do senso comum até os círculos científicos, sobretudo os custeados por empresas multinacionais de produtos como: medicamentos, cosméticos, alimentício, etc.³⁹. Com isso, o autor ainda segue relatando a semelhança nos experimentos em relação aos praticados pelo nazismo. De acordo com Peter Singer; “então como agora, os sujeitos eram congelados, aquecidos e

³⁹ “Há interesses econômicos gigantescos por detrás das pesquisas com fármacos. Para se ter uma ideia do peso desses interesses, basta considerar o exemplo estadunidense, onde 50% dos impostos investidos em pesquisas médicas destinam-se a experimentação em modelo animal. “ (GENDIN, apud FELIPE, 2007, p.124).

colocados em câmaras de descompressão. Então, como agora, esses acontecimentos foram descritos num jargão desapaixonado.”(SINGER, 2004 ,p. 93).

Ainda de acordo com o autor, os mesmos procedimentos considerados inaceitáveis para humanos, agora, nesse exato momento deste trabalho, estão sendo executados no Brasil e no mundo em laboratórios politicamente aceitos.⁴⁰ O relato a seguir, foi retirado de documentos oficiais de experimentação científica que os nazistas praticavam em indivíduos considerados “raças inferiores”.

Após cinco minutos, surgiram espasmos; a frequência da respiração aumentou entre o sexto e o sétimo minuto, a TP (test person) [pessoa em testes] perdeu a consciência. Entre o décimo primeiro e o décimo terceiro minuto a respiração diminuiu para três inalações por minuto, cessando completamente no final do período...Cerca de meia hora após ter cessado a respiração, iniciou-se a autópsia. (SINGER, 2004, p. 93).

Cumprе esclarecer que, “em seu comportamento com os animais, todos os homens são nazistas”.(Isaac Bashevis Singer) (SINGER, 2004, p. 93). Mas então, não está na hora de olharmos para dentro de nós mesmos, como ditos “racionais” e questionar tamanha atrocidade que vemos a cada minuto a essas criaturas ditas de “outras espécies irracionais”?

Subjugando-as por acreditarmos pertencer ao seletivo grupo dos “humanos racionais⁴¹”? A história certamente nos dará a resposta.

3.6 Divertimento

É de se compreender que os animais não humanos também estão postos em legítima desvantagem dos zoológicos aos picadeiros do mundo, por se tratarem de “propriedades” dos animais humanos. Contudo, como já vimos antes descrevendo, a restrição se dará à realidade brasileira em questão. Mas jamais esquecendo de que em todos os lugares do mundo essa realidade é tão ou mais aceita culturalmente e com centenas de outras modalidades de aspectos cruéis a esses animais.

⁴⁰ Idem, p. 125 [...] Não estranha, pois, que para cada abolicionista, dois defensores do modelo animal se ponham em atividade política.[...].”

⁴¹ Os humanos esquecem que também são animais. Colocam-se acima de todos os outros ditos “animais” por considerarem-se; dignos, racionais, acima da natureza.

Por isso, o início destes relatos se faz importantes na área da educação. Sim, pois o especismo inerente as mais sutis percepções da vida humana mostra-se presente onde sua força surtirá multiplicações a curto e longo prazo. Crianças aprendem rápido e não tardará que assimilem sua relação com os animais não humanos já nos primeiros contatos visuais e intelectivos, ou seja, por meio de uma “educação especista”. Crianças e adolescentes são incentivados através de passeios escolares a zoológicos como matéria educativa de biologia ou alguma outra atividade recreativa da própria escola. A mercê disto, os animais não humanos confinados nesses ambientes passam a serem entendidos – e ensinados por professores, como exemplares de espécies, sem o mínimo compromisso de questionamento do porquê esses animais estão onde estão, e com isso, perpetuando através da educação a omissão com relação a responsabilidade humana perante esses indivíduos.

É deveras interessante salientar que zoológicos não são recintos de bestialidades, onde espécies “diferentes” ao homem ficam a exposição para serem admiradas. E a grande maioria dos zoológicos do Brasil perpetua o olhar especista sobre esses não humanos, enclausurando-os com o jargão da desculpa de que “os animais são de criadouros especializados”, e que, “os animais não poderiam viver livres, pois nascem nestes ambientes e estão de acordo com tratados entre zoológicos para trocas de espécimes quando preciso⁴²”.

Segundo essa perspectiva, ainda não diferente é o caso dos circos no país⁴³. Espetáculos dignos de decadência moral para os animais envolvidos, onde mais uma vez, o grande público participante é o principal responsável pela perpetuação dos maus tratos. Inserido como cultura no inconsciente popular, sobretudo nas crianças que são os principais alvos do “espetáculo laboral” de indiferença com o outro.

Pertinente também o relato de Pedro Ynterian, do projeto GAP. Acesso em <http://www.anda.jor.br/07/07/2011/zoologicos-nao-respeitam-lacos-familiares> “Outra prática comum dos zoológicos é o intercâmbio de animais entre eles, inclusive internacionalmente. Na Comunidade Europeia, por exemplo, a Associação de Zoológicos tem comitê de espécies, como por exemplo de gorilas, de chimpanzês, de girafas, de elefantes etc. A função desses comitês é garantir que os zoológicos não careçam de quaisquer espécie; se na Holanda morre um chimpanzé e Portugal tem vários, por exemplo, um é enviado para substituir o falecido. Isso significa que um bebê, ou um adolescente, é arrancado de seu núcleo familiar e enviado para integrar um grupo desconhecido.”

⁴³ Embora caiba salientar que a tendência seja em alguns anos a proibição total no país de circos com animais não humanos como espetáculo. Ver cidades brasileiras que proíbem animais não humanos em circos :<http://www.pea.org.br/crueldade/circos/index.htm#Cidades%20Brasileiras%20que%C2%A0Pro%C3%ADbem%20o%20Uso%20de%20Animais%20em%20Circos>

Ainda neste aspecto, são visíveis as inadequações do ambiente desses animais. Cabe-nos listar as mazelas que passam esses animais ao serem treinados para o trabalho no circo. A domesticação de animais selvagens em “dóceis” escravos é cercada de inúmeras privações – algo que automaticamente já lhes condenaram, ao serem retirados de seus habitats naturais, que vão desde manejo com varas com paus nas pontas até sagaz terrorismo psicológico, causando danos irreversíveis. Quanto a isto, a descrição do que foi encontrado em um grande circo do Brasil:

Funcionários do órgão ambiental visitaram as instalações do circo e, por meio de relatório técnico, confirmaram que os animais não eram mantidos em condições apropriadas de contenção e recinto. Dois chimpanzés e dez outros macacos estavam com os dentes caninos superiores e inferiores arrancados, o hipopótamo era mantido em um container pequeno com um nível reduzido de água, o rinoceronte não tinha espaço nem para andar, e os quatro elefantes tinham os tornozelos presos por correntes⁴⁴. (Arca Brasil).

De acordo com o relato não é difícil imaginar a situação dos outros circos ao redor do mundo. E quanto ao treinamento, suas diferenças não variam tanto nos mecanismos de crueldades, como podemos ver em mais esta descrição de um circo americano, onde o grupo PETA fez filmagens escondidas, denunciando os fatos a grande imprensa⁴⁵;

[Frisco] é visto gritando obscenidades , atacando ferozmente e aplicando choques elétricos em elefantes asiáticos que pertencem a uma espécie em perigo de extinção. Os elefantes emitem gritos agonizantes, ao tentar escapar dos ataques. Frisco institui outros treinadores a bater nos elefantes usando ambas as mãos e a enfiar um afiado gancho na carne deles, até que eles gritem de dor. Ele diz aos alunos que a surra tem de ser eficaz por trás do palco, já que eles, os treinadores, não podem fazer nada daquilo na frente de mil pessoas. (REGAN, 2006, p. 162).

Desse modo, passamos concluir com a situação culturalmente aceita dos rodeios. Grandes picadeiros que mais lembram as arenas do coliseu, com o entusiasmo fabricado com total apoio de inúmeras empresas multinacionais. Tornando o espetáculo digno de sadismo amplamente compartilhado socialmente. É fato que praticamente aconteçam rodeios todos os dias no Brasil, aos de grande

⁴⁴ Disponível em http://www.arcabrasil.org.br/noticias/061030_le_cirque.htm

⁴⁵ PETA – People for the ethical treatment for animals .

porte até os médios, mas todos exercem o mesmo grau de tortura de animais não humanos, mudando apenas o algoz.

Quanto a isto, faremos a descrição de alguns instrumentos de tortura usados amplamente como “ferramentas de trabalho” dos peões;

Sedém: Espécie de cinta, de crina e pêlo, que se amarra na virilha do animal e que faz com que ele pule. Momentos antes de o brete ser aberto para que o animal entre na arena, o sedém é puxado com força, comprimindo ainda mais a região dos vazios dos animais, provocando muita dor, já que nessa região existem órgãos, como parte dos intestinos, bem como a região do prepúcio, onde se aloja o pênis;

Esporas: As esporas são objetos pontiagudos ou não, acoplados às botas dos peões, servindo para golpear o animal (na cabeça, pescoço e baixo-ventre), fazendo, em conjunto com o sedém e outros instrumentos, com que o animal corcoveie de forma intensa;

Peiteira: Consiste em outra corda ou faixa de couro amarrada e retesada ao redor do corpo do animal, logo atrás da axila. A forte pressão que este instrumento exerce no animal acaba causando-lhe ferimentos e muita dor também;

Terebintina: pimenta e outras substâncias abrasivas: são introduzidas no corpo do animal antes que sejam colocados na arena, para que fiquem enfurecidos e saltem. As substâncias abrasivas em contato com cortes e outros ferimentos no corpo do animal causa uma sensação de ardor insuportável;

Descorna: o chifre dos bovídeos, para a realização de determinadas provas, é “aparado” com a utilização de um serrote, sem anestésico, e causando sangramentos e dor aos animais;

Polaco: Na peiteira são colocados sinos, os quais produzem um barulho altamente irritante ao animal, o qual fica ainda mais intenso a cada pulo seu... (odeiorodeio.com.br).

Acerca disso, citamos apenas alguns dos principais instrumentos de tortura aplicados à rotina dos rodeios. Contudo, é bom lembrar que a mesma desconsideração moral é atribuída aqui, transformando animais não humanos como eternos meios para os fins humanos. O especismo latente se mostra a cada apresentação nas arenas sob o olhar do grande público (in)conscientes de que a prática de usar os animais não humanos para o divertimento, nada mais são do que uma brincadeira, algo que não fará os animais se machucarem gravemente, já que não serão mortos e sim apresentados como “instrumentos de lida no campo⁴⁶” ou como já é considerado pela lei brasileira de “ esporte”.⁴⁷

⁴⁶ Inconsciente humano do animal utilitário do campo, a visão bucólica das antigas fazendas onde tudo estava em “harmonia” entre homens e animais.

⁴⁷ LEI Nº 10.220, DE 11 DE ABRIL DE 2001. Disponível em < <http://www.soleis.adv.br/peaoderodeio.htm>>

3.7 Domesticados

Para consolidar, adentraremos agora na realidade mais próxima dos animais não humanos em nossa sociedade, dos cães, gatos e cavalos. Essa realidade será descrita da mesma forma como já viemos conduzindo o presente capítulo, restringindo apenas aos animais não humanos com maior proximidade do convívio humano.

Compreende-se que cães e gatos do nosso convívio doméstico sejam animais de companhia desejáveis. Não é a toa que é cada vez mais comum vermos em cada lar famílias esses animais fazendo parte em um círculo de convivência.. Mas, essa aparente relação de reciprocidade é realmente verdadeira, ou estamos dando vazão a mais uma das consequências especistas do caráter humano?

O ponto de partida da nossa investigação se dará através dos domesticados de raça. Ou seja, da predileção racista humana por “cães de pedigree”. Animais propositalmente mantidos sobre criação e acasalamento com outros de sua raça. Fomentando assim, o comercio de “raças puras”. Indivíduos não humanos em processo antinatural de controle genético.

Quanto a isto podemos ver no próprio contrato de compra e venda de indivíduos não humanos, visivelmente atribuídos a valor de mercadoria, por parte de seus criadores e compradores;

DAS CONDIÇÕES DE SAÚDE

Cláusula Terceira – O animal objeto do presente contrato será retirado do estabelecimento do CRIADOR, pelo próprio COMPRADOR ou pessoa por ele autorizada, devendo ao retira-lo, examina-lo minuciosamente, constatando o seu perfeito estado de saúde e sanidade, dando o como são e perfeito.

Cláusula Quarta – Acompanha o animal: atestado de saúde, emitido pelo médico veterinário responsável pelo canil, **instrução de manutenção do animal**, relatório de vacinação e vermifugação, contendo todo o esquema de tratamento do animal; cópia do pedigree dos pais.

DAS GARANTIAS

Cláusula Quinta – O CRIADOR garante que o animal é de **raça pura**, registrado na SOBRACI, filho de pais registrados e que o COMPRADOR receberá na data da entrega, o animal dentro do **padrão da raça**. (CONTRATO..., 2011).

Como podemos ver, a instituição das raças puras são amplamente absorvidas pela sociedade especista humana, e quando os indivíduos são os não humanos tal

atribuição está inserida na percepção de propriedade. O animal é então, valor de troca⁴⁸, utilidade doméstica⁴⁹, e considerado uma “raça inteligente”.

Diante desse cenário, a seleção de raças mostra seu fator desencadeante sobre a moral especista. Atribuindo aqueles que não são os “puros” o estigma de cães impróprios para o convívio humano, já que estes não teriam o mesmo status social atribuído ao seu valor de compra, de seleção de raça caracterizados pela sutil característica de utilidade humana, onde o comprador adquire uma propriedade para sua ideal serventia.

Entretanto, passamos agora aos estigmatizados, mesmo no convívio secular entre os animais humanos: Os gatos. Os felinos da mesma forma que os cães, exercem interesse do homem, mas como havíamos dito antes, esse interesse está calcado essencialmente na utilidade enquanto existência animal. Enquanto cães servem para companhia, caça, ou status de propriedade – para não falarmos das bestialidades infringidas a suas vidas, os gatos da mesma forma, mas com limitações utilitárias muito salientes. O que acaba por velar seus destinos sobre a ótica preconceituosa do animal humano.

Com isso, o fator agravante de sua existência passa por sua característica mais apreciada enquanto natureza, a sua individualidade. Gatos são animais que interagem com os humanos, mas a seu devido tempo, pois prezam por independência, gostam de ficar quietos. Ao contrario dos cães, e com isso, os animais humanos atribuíram ao longo dos séculos inúmeras lendas e superstições a esses animais. E em sua maioria negativas, trazendo até os dias atuais o estigma de “animais traiçoeiros”. Na sua maioria advindas das credences populares da idade média. Com relação a perseguição as bruxas, onde os gatos pretos também eram desprezados, simbolizando “má sorte”. Prevalendo – por incrível que pareça, tais superstições populares sobre suas vidas, os deixando a margem do cuidado humano, sobretudo às crianças como maus tratos e desprezo, mas não por culpa

⁴⁸ São comuns os casos de fazendeiros quando reclamam aos vizinhos de estancias prejuízos causados por cães que pulam a cerca e matam ou ferem animais de sua propriedade, como ovelhas, por exemplo. E cobram o valor destes animais em dinheiro por alegarem perda em sua propriedade (os animais), jamais a perda e importância das vidas dos próprios indivíduos animais.

⁴⁸ Também comum é a chantagem emocional que pais exercem sobre as crianças, prometendo comprar um cão de raça se o filho tirar notas altas na escola. E como resultado, o presente lhes é dado antecipado e a criança não atinge a promessa, então os pais inescrupulosamente decidem retirar o animal não humano da criança e abandonam na rua, ou em algum caso oferecido ao primeiro interessado a vida do inocente animal.

⁴⁹ Muitos humanos ao comprarem um animal de pedigree visam o caráter social de status obtendo esse animal de “raça pura”. E também por obterem – segundo os vendedores, características para cuidar da casa, bons para crianças, úteis para caça, ou “ótimos animais para companhia humana.”

diretamente delas, mas sim pela reprodução de crendices que ouvem de seus pais. Da educação especista inerente ao senso comum escolar⁵⁰.

E por fim, agora trataremos dos cavalos. Animais não humanos inseridos no pensamento popular como “animais de tração”. Assim atribuídos como animais que estão quase que por “função natural” exercer a única utilidade para fazer força, carregar literalmente o mundo dos animais humanos nas costas. Em seu tratamento em sociedade humana os cavalos passam pela conotação de objeto necessário para sobrevivência do homem, e sua coisificação é clara quando constatados maus tratos visíveis no dia a dia das grandes cidades. Os relatos a seguir são de restrições aos animais não humanos de carroças, uma descrição medieval dos procedimentos de crueldade frutos apenas da intervenção do animal humano, e que somente este o é capaz de tais feitos.

Os relatos a seguir estão resumidos em matérias de jornais e meios de comunicação em geral, portanto, pedimos que as notícias sejam observadas não somente como casos isolados, mas como realidade constante na vida desses animais;

Morre égua que foi espancada e perfurada no ânus por crianças - Cavalos não aguenta peso da carroça, cai e é surrado – (Jornal O Sul).
Síndrome do olho vazado - Consiste em furar os olhos dos cavalos através de instrumento perfurante, ou com reagentes químicos corrosivos. A barbárie é cometida para que o animal não humano seja obrigado a enfrentar o estresse do trânsito sem a mínima contrariedade. –(Chicote nunca mais)
Cavalo é obrigado a fazer travessia entre duas ilhas no RS nadando em águas geladas – (RBS TV).
Égua estuprada e torturada morre agonizante por omissão de socorro em Santa Cruz do Sul, RS – (Gazeta do Sul)”.
“Diretor de TV põe o próprio cavalo para puxar carroça após acidente – (ANDA).
Mais um cavalo não resiste à vida de escravo em Porto Alegre – (chicote nunca mais).

Torna-se cada vez mais evidente a relação dos animais humanos com aqueles que o homem insiste em considerar como propriedade de trabalho. Os cavalos de tração carregam o martírio de uma sociedade especista por excelência. Alicerces fundados na mais justa adequação de “senhor e escravo”, transformando a dor dos

⁵⁰ Ao ministrar palestras em escolas públicas, ficam nítidos os valores emocionais que boa parte de crianças e adolescentes trazem de seus lares. Constatando ao se perguntar sobre a relação das crianças com gatos, a maioria tenta ao preconceito injustificável contra esses animais não humanos. Resultado de uma sociedade reprodutora de crendices e tradições Especistas.

animais não humanos em algo externo, em alienação moral diante os fatos, tornando relevante o sofrimento somente quando este é deferido ao animal humano, dito “digno de alma” ou “espécie superior”.

4 O ABOLICIONISMO DOS NÃO HUMANOS

No presente capítulo, serão tratados os questionamentos éticos em defesa da moralidade dos animais não humanos. Visitaremos algumas posições filosóficas que discutem a inclusão dos animais não humanos para dentro da esfera da moralidade. Estabeleceremos ainda um contínuo paralelo entre o especismo e o holocausto humano processado pelo nazismo.

4.1 O especismo é um nazismo

Não se pode esquecer aqui as questões resultam em analogia entre a exploração humana e não humana. E por conta disto, a afirmação é procedente ao olharmos para a trajetória do significado conceitual de especismo, com todas suas implicações na importância moral que os animais humanos se colocam acima das demais espécies, com a máxima antropocêntrica de que são melhores (sujeitos morais) que os outros animais não humanos.

Com base nestes princípios o animal humano é o único ser que em toda natureza pode transformar como meio para seus fins todas as demais criaturas da vida. Sendo essas, da sua própria espécie, como os já descritos humanos usados para experimentos, trabalho forçado, confinamento e assassinato em massa, e por fim exterminando suas vítimas. Tudo pautado pela ideia de que são alguns animais humanos melhores que outros, e com isso, transformando vidas em meros objetos da ideologia denominada de nazismo.

Afirmamos que o especismo é um nazismo calcado nas condições extremas em que os animais não humanos são tratados pela grande maioria dos humanos. Usados nas mais diversas cadeias de exploração, transformados em utensílios, objetos, alimentação por luxo⁵¹, ou seja, coisificados pela tirania do animal humano. E quanto a isto ainda, cabe-nos as palavras de Derrida sobre a imagem do que fizeram com os humanos durante o regime nazista e, aquilo que os animais não humanos passam todos os dias, e nem ao menos nos importamos com essa situação bestial. Diz Derrida:

⁵¹“Se os animais são importantes por si mesmos, o uso alimentar que deles fazemos torna-se questionável- sobretudo quando a carne animal é um luxo, e não uma necessidade. [...] A sua carne é um luxo, e só é consumida porque as pessoas apreciam-lhe o sabor.” (SINGER, 2006, p. 72-73).

Se invés de aniquilações genocidas os nazistas tivessem pegado suas vítimas para reprodução, experiências, confinamento e abate. Também como fomentar a reprodução em massa de judeus, ciganos e homossexuais, os alimentando para ficarem bem nutridos e fortes, usando seus corpos para os mais variados fins de exploração. Equivalem aos abatedouros e a realidade imposta de igual maneira como tratamos os animais não humanos. “Todo mundo sabe que terríveis e insuportáveis quadros uma pintura realista poderia fazer da violência industrial, mecânica, química, hormonal, genética, à qual o homem submete há dois séculos a vida animal. (DERRIDA, 2002, p. 52,53).

De acordo com o autor, nos vemos inseridos no preconceito moral semelhante ao imposto pelos nazistas às suas vítimas que eram consideradas como “raças inferiores” e por isso as tratavam como meios para os fins de um ideal de humanidade.

Desse modo o especismo é um nazismo, porque submeter seres inocentes às inimagináveis condições de privação de espaço para viver, de restringir suas vidas artificialmente a sua própria natureza e aniquilar o bem maior que são suas próprias vidas, com motivação de comercialização de sua carne, assim como serem submetidos aos padrões da indústria científica para experiências cruelmente dolorosas, semelhantes as proferidas pelos nazistas em suas vítimas. A analogia é proposital em seus princípios, de que, substancialmente animais humanos e não humanos são iguais no princípio inerente de que a vida é de igual interesse a todos, ou seja, o interesse de estar vivo e não sentir dor (SINGER, 2004, p.10).

É deveras interessante transpor no presente trabalho que, as características de consideração moral restringida a determinados indivíduos (nazismo com os humanos e no especismo aos não humanos) tem um alto grau de semelhança acerca do comportamento humano. Nazistas estariam tão longe assim da condição especista que a humanidade em geral se configura, explorando os não humanos como coisas que sentem, mas não fazem parte de nosso ciclo de considerações morais?

Peter Singer ao iniciar sua descrição dos métodos de investigações sobre o holocausto animal que os animais não humanos vivem nas granjas industriais nos diz que “quando retiramos os animais não humanos da esfera de consideração moral e os tratamos como coisas que utilizamos para satisfazer nossos desejos, o resultado é previsível.” (SINGER, 2004, p.111). A questão parece ser: não nos incluímos todos na categoria de nazistas quando objetivamos os animais não humanos e os instrumentalizamos ao nosso favor? Não nos igualamos aos cidadãos

do terceiro reich quando retrucavam “mas são apenas ciganos” ou como diríamos com indiferença a um não humano “não se preocupe, são apenas animais”? A semelhança de considerações morais é válida, pois desconsideramos os indivíduos por atribuirmos diferentes valores calcados em “raças e espécies” fora do nosso ciclo de moralidade. Tornando alheia a condição humana a sua total participação em mais um holocausto, só que desta vez, um holocausto animal.

4.2 Sujeitos-de-uma-vida

Muitas coisas e em muitos aspectos nos distinguimos dos animais não humanos, mas, segundo Tom Regan, apesar das diferenças que não tem relevância moral, temos algo de base que é comum e é isso que fundamentalmente importa quando se discute a questão da inclusão ou não dos animais não humanos na esfera da moralidade.

Não é porque pertencemos todos à mesma espécie (o que é verdade, mas não é relevante). E não é porque todos nós somos pessoas (o que talvez seja relevante, mas não é verdade). O que quero dizer é que todos somos iguais em aspectos relevantes, relacionados aos direitos que temos: nossos direitos à vida, à integridade física e à liberdade.” (REGAN, 2006, p. 60).

De acordo com o autor, a validação dos princípios básicos do homem, os direitos humanos, devem ser estendidos também para os direitos animais. Partindo da premissa que, todos somos sujeitos-se-uma-vida, pois como afirma Regan (2006);

[...] Não apenas estamos todos no mundo, como também todos somos conscientes do mundo e, ainda, conscientes do que acontece conosco. Além do mais, o que acontece –seja aos nossos corpos, à nossa liberdade ou às nossas vidas – importa para nós, conforme faz diferença quanto à qualidade e a duração das nossas vidas, conforme experimentadas por nós, quer os outros se importem com isso, quer não. Quaisquer que sejam nossas diferenças, essas são nossas semelhanças fundamentais.

Com isso, Regan esta colocando como inerente todos os valores que os animais humanos atribuem para si próprios e que ele os caracterizara como “sujeitos-de-uma-vida”, para que sejam delineados em contrapartida às críticas da não percepção moral para os fundamentos aos direitos dos não humanos. O que em suas palavras “a família de características que definem esta ideia *nos torna todos*

iguais de forma que nossa igualdade moral faça sentido. Eis o que eu quero dizer.” (REGAN, 2006, p.61). Concluindo que:

Como sujeitos-de-uma-vida, somos todos iguais porque estamos todos no mundo.
 Como sujeitos-de-um-vida, somos todos iguais porque somos todos conscientes do mundo.
 Como sujeitos-de-uma-vida, somos todos iguais porque o que acontece conosco é importante para nós.
 Como sujeitos-de-um-vida, somos todos iguais porque o que acontece conosco (como nossos corpos, nossa liberdade ou nossas vidas) é importante para nós, quer os outros se preocupem com isso, quer não.
 Como sujeitos-de-uma-vida, não superior nem inferior, não há melhores nem piores.
 Como sujeitos-de-uma-vida, somos todos moralmente idênticos.
 Como sujeitos-de-uma-vida, somos todos moralmente iguais. (REGAN, 2006, p.62).

Deste princípio, a conclusão é que simplesmente animais humanos são sujeitos-de-uma-vida porque não são paus e pedras, não são objetos. E de características semelhanças perceptíveis de mundo.

Entretanto, o autor destaca da mesma forma aos animais não humanos seu argumento para validar igualdade moral, para com isso, mais tarde adentrar nas convergências que dizem respeito a extensão aos direitos animais. Referente a isto, vejamos os três pontos destacados pelo professor de Direito Daniel Braga Lourenço:

(1) similaridade relevante em relação àqueles que postulam valor inerente (relação entre agentes e pacientes morais); (2) já que o valor inerente é concebido como um valor categórico, sem níveis ou degraus distintivos, qualquer similaridade relevante deve ser também categórica (ou se é “sujeito-de-uma-vida” ou não: quem o for será de modo igual aos demais); (3) as similaridades relevantes havidas entre agentes e pacientes morais deve conduzir à conclusão de que temos deveres e direitos para com ambos. (LOURENÇO, 2008, p. 427).

Como já foi dito, esse será o elo de vital importância para se compreender no sistema legal a “similaridade relevante entre todos os indivíduos”.

4.3 Os direitos animais

Na visão de Tom Regan, os animais são sujeitos de uma vida e isso os tornam portadores de direitos intrínsecos e de deveres da nossa parte para com eles.

Naconecy resume assim a posição de Tom Regan que nos parece completa. Vejamos:

(1) Pelo menos alguns animais (os mamíferos adultos normais, de um ano de idade no mínimo) são capazes de certos estados psicológicos: desejam e preferem coisas, sentem, tem expectativas e emoções, lembram o passado e antecipam o futuro, experienciam prazer e dor, contentamento e sofrimento, satisfação e frustração, continuidade e interrupção da vida, e uma identidade psicológica que perdura no tempo.

(2) Tudo isso constitui a qualidade de vida do animal. Os animais que experienciam uma vida cujo transcurso pode lhes ser melhor ou pior, que tem uma vivência individual do seu próprio bem-estar, são chamados de “sujeitos-de-uma-vida” (uma vida que importa para eles mesmos).

(3) Esses animais são capazes de serem prejudicados ou beneficiados, o que lhe confere um status moral.

(4) Todos os “sujeitos-de-uma-vida” tem um valor inerente, e os possuem por igual.

(5) Os estados mencionados constituem uma condição suficiente para a posse de igual valor inerente, mas talvez não uma condição necessária. Isso significa a inclusão moral de pelo menos os mamíferos mencionados e, provavelmente, muitos (ou talvez todos) os animais vertebrados.

(6) A justiça prescreve o “princípio de respeito”. Tratar sem exceção esses indivíduos como fins em si mesmos, e não apenas como instrumentos para as melhores consequências/interesses alheios. O valor de cada indivíduo não permite que seja contrastado com um outro por meio de consideração acumulativas. O princípio de respeito não admite uma maximização do resultado global das ações, uma vez que isso seria obtido injustamente.

(7) Do princípio do respeito decorre o “princípio do dano”: temos um dever prima facie de não prejudicar tais criaturas.

(8) Esse dever gera o direito básico de ser tratado com respeito pelos agentes morais. Ou seja, não ser prejudicado a bem dos benefícios produzidos com isso. Ação imoral é toda aquela que se beneficia do resultado da violação desse direito.

(9) Consequentemente, devem ser abolidas totalmente as práticas que causam danos aos sujeitos de uma vida: criação comercial de animais para consumo humano, captura e caça, experimentação comercial e científica, etc.

(10) Há dois princípios que devem ser usados para decidir a quem prejudicar quando o dano for inevitável. Isto é, quando só podermos evitar que inocentes sejam prejudicados por meio de danos a outros inocentes que também seriam afetados caso nada fizéssemos (por exemplo, quando eu devo decidir quais dos inocentes devo matar, ou deixar morrer, para evitar que todos os inocentes morram):

(11) Princípio de Minimização Quantitativa (Miniride): quando os dados forem equivalentes, deve-se evitar o dano ao maior número de indivíduos.

Por exemplo: entre (1) causar danos graves a muitos indivíduos e (2) causar danos graves a poucos indivíduos, deve-se causar (2).

(12) Princípio de Minimização Qualitativa (worse-off): quando alguns indivíduos forem sofrer um dano maior do que outros, devemos evitar o dano maior, independentemente do número de indivíduos envolvidos.

Por exemplo: entre (1) causar danos graves a muitos indivíduos e (2) causar danos leves a poucos indivíduos, deve-se causar (2). Entre (1) causar danos graves e poucos indivíduos e (2) causar danos leves a muitos indivíduos, deve-se causar (2). (NACONECY 2006, p. 183-184).

E para consolidar os princípios dos Direitos Animais, as palavras de Tom Regan se fazem necessárias pela sua simplicidade contundente na busca por igualdades básicas na consideração humana por aqueles que insistimos em considerar por depreciação “animais”. De acordo com Regan:

Os outros animais que os humanos comem, usam em ciência, caçam, capturam e exploram de diversas maneiras tem uma vida própria, que é importante para eles, a parte de sua utilidade para nós. Eles não apenas estão no mundo; eles são conscientes dele. O que ocorre com eles importa a eles. Cada um tem uma vida, que se passa melhor ou pior para aquele cuja a vida é assim. Essa vida inclui uma variedade de necessidades biológicas, individuais e sociais. A satisfação dessas necessidades é uma fonte de prazer; sua frustração ou contrariedade, uma fonte de dor. Nesses modos fundamentais, os animais não humanos em laboratórios ou fazendas, por exemplo, são iguais aos seres humanos. É por isso que a ética de nossas relações com eles, e entre eles, deve reconhecer os mesmos princípios morais fundamentais. No nível mais profundo, a ética humana é fundada no valor independente do indivíduo: o valor moral de qualquer ser humano não pode ser mensurado por quão útil essa pessoa é na promoção do interesse de outro ser humano. Tratar seres humanos de modo a não honrar seu valor independente é violar o direito humano mais básico: o direito de cada pessoa ser tratada com respeito. A filosofia dos direitos dos animais apenas exige que essa lógica seja respeitada. (REGAN, apud NACONECY, 2006, p.185-186).

Desta forma, Regan transforma a sua teoria dos Direitos Animais em matriz para a total refutação de “propriedade” que os animais humanos submetem os demais semelhantes animais, através de sua aproximação argumentativa de valores a vida comum a todos em seu princípio.

Em relação a isto, cabe-nos complementar com o objetivo visceral do presente trabalho, atribuindo igual consideração a vida e o sofrimento imposto aos não humanos sob o preconceito moral de que nossas ações são justificadas ao escravizar, fazendo de suas vidas eternos meios para nossos fins. Tudo pelo fato dos animais não pertencerem ao nosso círculo moral de consideração. A semelhança com o nazismo é aqui abordada enfaticamente pela proposital semelhança de rigor preconceituoso que a humanidade impõe aos não humanos todos os dias através do especismo, em aniquilamento e genocídio infundável sob o ponto de vista ético.

Com números incalculáveis de vítimas sendo assassinadas sob as mais diversas formas de crueldade que só o animal humano é capaz de construir na grandeza de máquinas e caldeiras funcionando 24hrs em seus 365 dias do ano. Todos os anos. Portanto, não pode haver somente valores morais para humanos

assassinados cruelmente... Pois a mesma coisificação é dada por nós humanos aqueles que insistimos deixar fora do círculo de considerações: os animais não humanos.

4.5 Você é um nazista?

Diante as afirmativas ao longo do presente trabalho, cabe-nos agora, indagar sobre a real condição humana frente a problemática dos animais não humanos. Não estamos propondo uma simples analogia sobre os acontecimentos históricos, como a maneira que pessoas foram assassinadas e exploradas nas mais diversas formas no regime nazista. Mas sim, propondo uma resposta a realidade que impomos aos animais não humanos todos os dias.

Em razão da perspectiva de que somos animais humanos racionais, sujeitos-de-uma-vida, e sofremos com nossa corporeidade nos relacionando com nosso mundo, será mesmo que estamos sós nesta proximidade de interação com o ambiente físico do planeta, ou por especismo privilegiamos nossa condição de superiores em relação aos outros animais não humanos? Será que não estamos dentro da mesma lógica nazista só que operando não dentro de raças diferentes, mas de espécies diferentes?

Será que do ponto de vista moral não estamos diante daquilo que Gary Francione cunhou como “esquizofrenia moral”?

Muitos de nós compartilhamos nossos lares com não-humanos que amamos e consideramos membros de nossa família, mas, ao mesmo tempo, comemos outros animais não-humanos que não são diferentes, em nenhum modo moralmente relevante daqueles que amamos e que reconhecemos como pessoas. (FRANCIONE, 2007).

Sobre isso, é recorrente que pensemos na seguinte situação: a grande maioria das pessoas considera o ato de matar um animal doméstico, como um cão, por exemplo, de uma atitude cruel e sem justificativa moral. Mas, quando ligamos a televisão e assistimos a programas sobre a realidade culinária na china, onde animais não humanos considerados “domésticos” e “amigos do homem” são mortos da maneira mais bestial que se possa imaginar para servirem de alimento, a revolta é quase unânime. Ora, voltamos então a citação de Francione, onde nos aponta como esquizofrênicos morais. O que nos distancia daqueles chineses que

assassinam cães e outros animais considerados “amigos do homem” dos animais não humanos que diariamente taxamos como “necessários” para nossa alimentação? Nenhuma. E talvez isso nos remeta as predileções raciais da qual os nazistas aplicavam em sua lógica, selecionando aqueles que convinhem ser os “raças inferiores”.

Referente a isto ainda, quem são os animais não humanos que todos os dias financiamos para que sejam assassinados na tenaz frieza das técnicas de abatedouros, transformando seus corpos em carne, e antes ainda, os confinando a simples objetos – também em nosso amparo moral? Está na hora de colocarmos na mesa (literalmente) nossa incapacidade de enxergarmos a dor destes semelhantes. Abrirmos o círculo moral e agregar tais criaturas para que possamos incluí-los no status de dignidade enquanto animais, assim como atribuímos a nós mesmos enquanto “dignos de viver”.

Na realidade não estamos longe daqueles que apontamos como nazistas ou escravistas, racistas, ou torturadores medievais. Resta-nos agora ponderar e refletir se mudamos de verdade ou apenas transfiguramos os objetos de nossa antropocêntrica consideração.

5 CONCLUSÃO

Procurou-se no presente trabalho de conclusão de curso traçar os diversos pontos em que o regime nazista através do racismo, julgou suas vítimas como não dignas de direitos básicos a vida, transformando suas vidas em objetos para fins de seu idealismo de raças puras. Com isto, submeteu-as a experiências, confinamento, trabalhos forçados e assassinato em massa. Também se mostrou necessário a discussão sobre o conceito de banalidade do mal da filósofa Hannah Arendt. Conceito que tentou ao máximo aproximar os fomentadores do holocausto humano – mais especificamente Eichmann, em agentes da ideologia, ao invés de puramente “monstros” sanguinários isolados.

Buscando-se mostrar com isto aspectos idênticos ao que a humanidade como um todo trata os animais não humanos no cotidiano, na maior parte do planeta. Submetendo suas vidas também a experiências, trabalhos forçados, e assassinato em massa. Traçando diferenças apenas pela autoritária ideia de superioridade de espécie, tal qual o nazismo justificava suas atrozidades práticas pela superioridade ariana.

Entretanto, ao final da analogia do presente trabalho, foi deixado em aberto o questionamento sobre nossa real condição enquanto animais racionais humanos, se realmente estamos moralmente distantes daqueles homens que cometeram crimes contra humanidade, ou se continuamos sob o véu da indiferença submetendo aos ditos “animais irracionais” como meios para nossos fins.

REFERÊNCIAS

- ABIPECS. Disponível em: <http://www.abipecs.org.br/uploads/relatorios/relatorios-associados/ABIPECS_relatorio_2010_pt.pdf> Acesso em: nov. 2011.
- ARENDDT, Hannah. **A vida do espírito**. Tradução Antônio Abranches et al. 4 edição. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das letras, 1999.
- ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Tradução Roberto Raposo. 8 ed. São Paulo: Companhia das letras, 1989.
- BARTOLETTI, Susan Campbell. **Juventude Hitlerista**: A história dos meninos e meninas nazistas e a dos que resistiram. Tradução Beatriz Horta. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 2006.
- BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de Filosofia**. Tradução Desidério Murcho et al. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1997.
- CAVALCANTE, Ania. **O trabalho forçado e a política de extermínio de ciganos durante o nazismo**, 1938-1945. Artigo, 2008. Disponível em: > <http://www.anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Ania%20Cavalcante.pdf>
- CAVALCANTE, Ania. **O universo concentracionário nazista de 1933 a 1945 e a implementação da “Solução Final da Questão Judaica”**, 1941-1945. Artigo, 2008 disponível em: <<http://www.lei.fflch.usp.br/node/1605>>.
- CONTRATO de compra e venda**. Disponível em: <http://www.sobracibr.org/portal2009/index.php?option=com_content&view=article&catid=58%3Acontratos&id=117%3Acontrato-de-compra-e-venda&Itemid=176>.
- DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**: São Paulo: Ed. da UNESP, 2002.
- FELIPE, Sônia T. **Ética e experimentação animal: fundamentos abolicionistas**. Florianópolis: Editora UFSC, 2007.
- FRANCIONE, Gary. **Um caso clássico de “esquizofrenia moral”**, 2007. Disponível em: < <http://www.anima.org.ar/libertacao/abordagens/um-classico-esquizofrenia-moral.html>>
- HITLER, Adolf. **Minha luta**. Disponível em: <http://radioislam.org/historia/hitler/mkampf/pdf/por.pdf>.
- LOURENÇO, Daniel Braga. **Direitos dos Animais**: Fundamentações e Novas Perspectivas. Porto Alegre: Sergio Antônio Fabris Editora, 2008.
- MARIANTE, Helio Moro. **A idade do couro**. 2 edição. Porto Alegre: Instituto Gaúcho de tradição e folclore, 1974.

MILMAN, Luiz. VIZENTINI, Paulo Fagundes (coord). **Neonazismo, Negacionismo e Extremismo Político**. Porto Alegre: UFRGS. Disponível em: < <http://www.derechos.org/nizkor/brazil/libros/neonazis/index.html>>

NACONECY, Carlos Michelon. **Ética & Animais: Um guia de argumentação filosófica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

NOVITCH, Mirian. **Os ciganos e o terror nazista**. Disponível em <<http://radiomundial.com.br/assuntosabordados/?id=383>>.

PACHECO, José Wagner, YAMANAKA, Hélio Tadashi. **Guia técnico ambiental de abates (bovino e suíno)** São Paulo: CETESB, 2006.

PORTER, Roy. **Das tripas coração**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2004.

REGAN, Tom. **Jaulas Vazias: encarando o desafio dos direitos animais**. Tradução Regina Rheda. Porto Alegre: Lugano, 2006.

SHIRER, Willian L. **Ascensão e queda do terceiro Reich**, Vol. 2: O começo do fim (1933 – 1939). Tradução Pedro Pomar e Leônidas Gontijo de Carvalho. Agir editora LTDA, 2008.

SINGER, Peter. **Ética Prática**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SINGER, Peter. **Libertação Animal**. Tradução Marly Winckler. Porto Alegre: Lugano, 2004.

SOUKI, Nádia. **Hannah Arendt e a banalidade do mal**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

STEVENSON, Peter. **Questões de bem-estar animal na criação intensiva de suínos na União Europeia**. 2000. Disponível em: <http://www.cnpsa.embrapa.br/sgc/sgc_publicacoes/anais00cv_portugues.pdf#page=14>. Acesso em: nov. 2011.